



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB**

**INSTITUTO DE LETRAS – IL**

**DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO – LET**

**LÍNGUAS ESTRANGEIRAS APLICADAS AO MULTILINGUISTO  
E À SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO – LEA - MSI**

**GIOVANNA ALMEIDA DA COSTA**

**O USO DO SPANGLISH NA SÉRIE *ONE DAY AT A TIME*:**

**UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA E IDENTITÁRIA**

**BRASÍLIA, DF  
2023**

**GIOVANNA ALMEIDA DA COSTA**

**O USO DO SPANGLISH NA SÉRIE *ONE DAY AT A TIME*:**

**UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA E IDENTITÁRIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção de grau no curso de Bacharelado em Línguas Estrangeiras Aplicadas ao Multilinguismo e à Sociedade da Informação.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Yamilka Rabasa Fernandez

**BRASÍLIA, DF  
2023**

2023

GIOVANNA ALMEIDA DA COSTA

O USO DO SPANGLISH NA SÉRIE *ONE DAY AT A TIME*:

UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA E IDENTITÁRIA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção de grau no curso de Bacharelado em Línguas Estrangeiras Aplicadas ao Multilinguismo e à Sociedade da Informação.

Brasília, fevereiro de 2023.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Yamilka Rabasa Fernandez (IL/UnB)

(Orientadora)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> María Del Mar Paramos Cebey (IL/UnB)

(Examinadora)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Fernanda Alencar Pereira (IL/UnB)

(Examinadora)

## RESUMO

A presente pesquisa tem o propósito de analisar o fenômeno *spanglish*, bem como seus aspectos linguísticos, identitários e históricos, tendo como objeto de estudo a primeira temporada da *sitcom One Day at a Time*, produzida e distribuída pelo serviço de streaming Netflix (2017). Além de compreender o fenômeno do *spanglish* com base em autores como Betti (2009; 2011); Savedra (2019) e Torres Torres (2010). Sentimos necessidade, em um primeiro momento, de contextualizar a relação histórica entre Estados Unidos e Cuba e os ciclos migratórios dos cubanos, e falantes do *spanglish* aqui estudados. Este fenômeno foi também abordado desde a perspectiva da Linguística por autores como Poplack (2001); Juarros-Daussa (2012) e Flores; Melo-Pfeifer (2014). Uma pesquisa qualitativa e interpretativa foi feita a fim de se chegar nos objetivos finais. Para alcançar tais objetivos, foram selecionadas as legendas de três capítulos da série *One Day at a Time* para, depois de passarem pelo programa Sketch Engine, empreender a sua análise. De modo que foram analisadas as falas em *spanglish* no contexto da série com base nas pesquisas bibliográficas e o uso do *spanglish* justificado como o motivo pelo qual este fenômeno é uma forma de resistência usada pelos cubanos imigrantes até hoje.

**Palavras-chave:** Spanglish. Migração Cubana. Estados Unidos. Identidade.

## **ABSTRACT**

This research aims to analyze the spanglish phenomenon, as well as its linguistic, identity, and historical aspects, having as a research object the first season of the sitcom *One Day at a Time*, produced and distributed by Netflix streaming service (2017). In addition to understanding the spanglish phenomenon based on authors such as Betti (2009; 2011); Savedra (2019) and Torres Torres (2010). We felt the need, at first, to contextualize the historical relationship between the United States and Cuba and the migratory cycles of the Cubans and Spanglish speakers studied here. This phenomenon has also been approached from the perspective of Linguistics by authors such as Poplack (2001); Juarros-Dausa (2012) and Flores; Melo-Pfeifer (2014). Qualitative and interpretative research was carried out to complete the final objectives. To achieve these objectives, the subtitles of three chapters of the series *One Day at a Time* were selected, and after going through the Sketch Engine program, and undertake their analysis. So, the speeches in Spanglish were analyzed in the context of the series based on bibliographic research, and the use of Spanglish justified as the reason why this phenomenon is a form of resistance used by Cuban immigrants until today.

**Keywords:** Spanglish. Cuban migration. United States. Identity.

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Aumento de hispanos entre os anos 2000-2010.....	37
Tabela 2 - Frequência de uso da palavra “ <i>abuelita</i> ”.....	63

## LISTA DE LEGENDAS

Legenda 1.....	57
Legenda 2.....	57
Legenda 3.....	57
Legenda 4.....	60
Legenda 5.....	61
Legenda 6.....	61
Legenda 7.....	64
Legenda 8.....	64

## **LISTA DE GRÁFICOS**

Gráfico 1 - Produto Interno Bruto de Cuba entre 1902-1958.....	20
Gráfico 2 - Imigrantes Cubanos 1870-2015.....	29
Gráfico 3 - Habilidades linguísticas dos jovens falantes de espanhol – 2009.....	44

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Mapa dos Estados Unidos com destaque na Flórida.....	33
Figura 2 – Produção de corpus no <i>Sketch Engine</i> .....	52
Figura 3 - Funcionalidade <i>Keywords</i> .....	52
Figura 4 - Funcionalidade <i>Single-Words</i> .....	52
Figura 5 - Funcionalidade <i>Multi-Terms</i> .....	53
Figura 6 - Print de tela da série <i>One Day at a Time</i> .....	55
Figura 7 - Palavras mais usadas do episódio 1.....	57
Figura 8 – Transferências léxicas mais usadas do episódio 1.....	59
Figura 9 - Palavras mais usadas do episódio 5.....	60
Figura 10 – Transferências léxicas mais usadas do episódio 5.....	61
Figura 11 - Palavras mais usadas do episódio 9.....	62

## LISTA DE MEMES

Meme 1 – Matojo e o patrocinador.....	17
Meme 2 – ilustrando o <i>Spanglish</i> .....	36

## SUMÁRIO

<b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS .....</b>	<b>12</b>
<b>CAPÍTULO 1. A RELAÇÃO ENTRE OS ESTADOS UNIDOS E CUBA .....</b>	<b>17</b>
1.1 Os Estados Unidos e Cuba antes da Revolução: uma relação tensa.....	17
1.2 A caminho da Revolução Cubana: a luta armada.....	22
1.3 A Operação <i>Peter Pan</i> .....	25
1.4 A Emigração de cubanos a partir da Revolução.....	28
1.5 Os cubano-americanos: que identidade é essa? .....	32
<b>CAPÍTULO 2. O SPANGLISH: ALGUNS APONTAMENTOS.....</b>	<b>36</b>
2.1 O <i>Spanglish</i> nos Estados Unidos.....	36
2.2 Os cubanos e o <i>spanglish</i> .....	41
2.3 O <i>Spanglish</i> na construção identitária das comunidades hispanas.....	43
2.4 Conhecendo o Espanhol como Língua de Herança .....	45
<b>CAPÍTULO 3. EXPLICITANDO A PESQUISA REALIZADA.....</b>	<b>49</b>
3.1 A natureza e o tipo de pesquisa.....	49
3.2 O corpus.....	50
3.3 Metodologia de análise do corpus.....	51
<b>CAPÍTULO 4. ANÁLISE DOS EPÍSDIOS.....</b>	<b>54</b>
4.1 Episódio 1: <i>This is it</i> .....	54
4.2 Episódio 5: <i>Strays</i> .....	58
4.3 Episódio 9: <i>Viva Cuba</i> .....	61
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>66</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>68</b>

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Em 1848 Estados Unidos e México assinaram um acordo: o Tratado de Guadalupe-Hidalgo, após uma guerra que durou dois anos (1846-1848), pela anexação do Texas. Depois da rendição do México, firmou-se o tratado que garantiu aos Estados Unidos 55% do território do México (UNITED STATES LEGISLATIVE INFORMATION, 2022). A partir de 1848, com o território conquistado pelos estadunidenses, os mexicanos passaram a viver o desafio de serem “imigrantes” em seu próprio país e serem, assim, obrigados a aprender a língua inglesa e a adaptar-se à outra cultura. É nesse momento, em 1848, que o *spanGLISH* tem seu primeiro registro na história e a partir daí o movimento migratório entre ambos os países têm sido imparável, como imparável é o encontro linguístico-cultural, que tem como uma de suas manifestações o *spanGLISH*. A autora Betti (2011, p.41) define o *spanGLISH* da seguinte maneira:

O *spanGLISH* [...] pode ser considerado fruto do encontro (ou choque) entre dois mundos, duas sensibilidades, duas culturas e duas línguas: a hispânica e a anglo-saxônica. Como tal, este fenômeno refere-se sobretudo à experiência linguística e cultural dos latinos que emigraram para os Estados Unidos da América, mas também afeta os países latino-americanos e a Espanha.

Essa mistura se observa também no encontro de culturas (seja pela via da negociação, seja pela via do choque cultural) dos emigrantes de outras latitudes situados em solo estadunidense. É o caso dos cubanos.

Não muito diferente do que aconteceu em 1848, os Estados Unidos tinham interesse na ilha de Cuba desde 1803. Os norte-americanos tinham como maior pretexto as vantagens econômicas que poderiam se obter através de Cuba, como por exemplo: o que a ilha poderia oferecer, a proximidade geográfica e o poder que poderia ser exercido a partir de um domínio político e geográfico sobre ela (TARG, 2015). Por diversos motivos – político-ideológicos, econômicos, familiares - e ao longo do tempo, emigrar ao Estados Unidos se tornou desejo, solução a problemas ou tabú para os cubanos. O fato é que, de acordo com dados do Pew Research Center (2006), com base em Washington, DC, em 2004 1.5 milhão de cubanos estava residindo nos EUA, estatística que inclui os filhos de cubanos nascidos lá e os nascidos em Cuba.

Embora todo ano se registre a saída legal e ilegal de cubanos com destino aos Estados Unidos, há momentos bem delimitados dessa diáspora cubana. O primeiro

ocorreu após o trunfo da Revolução Cubana em 1959: num cenário de mudança de orientação ideológica do país, boa parte da população mais abastada emigrou, mais de 200 mil pessoas deixaram Cuba, segundo dados de Ruiz (1998). A partir desse cenário, mais três importantes ondas migratórias aconteceram até o ano de 1995, quando ocorreu o “Êxodo Pós-Soviético”. Essa época foi conhecida como o Período Especial:

Após a queda do Muro de Berlim – oficialmente em 1990 –, o fim da União Soviética em 1991 e o agravamento do embargo econômico norte-americano, Cuba enfrentou um período de crise, principalmente econômica, marcado pela escassez de alimentos, de água, de energia, de transporte e de artigos de primeira necessidade. Período Especial foi a expressão com que o governo denominou a política de racionamento para fazer frente à crise e como essa época ficou registrada no imaginário coletivo cubano. (RABASA, 2020, p. 171)

Algumas leis e resoluções estadunidenses contribuíram com essas ondas migratórias, como a *Ley de ajuste cubano*, que possibilita que em um tempo breve os cubanos que cheguem lá possam obter a cidadania e trabalhar, e a política “*pies secos, pies mojados*”, finalizada no governo de Obama, que permitia que todo aquele que chegasse por terra podia ficar em solo estadunidense e obter a residência um ano depois (AYUSO, 2017).

Dentre as ondas migratórias, foram famosas o êxodo do “Mariel” (porto cubano situado no ocidente) e a crise dos balseiros, ocorrida entre 1994 e 1995, em que os cubanos se lançavam ao mar em pneus e lanchas improvisadas para tentar chegar aos EUA. Muitos morreram na travessia; outros chegaram. E continuam saindo dessa forma até hoje, porém em menor número. E poderíamos acrescentar uma onda mais recente, desta vez via Nicarágua, Rússia e outros países que não exigem vistos para cubanos<sup>1</sup>.

Já no caso cultural, o ponto de vista imigratório para com a nação estadunidense se dividiu em muitas nuances, mas principalmente em dois momentos cruciais: o primeiro momento se dá com a população imigrante que se caracterizou por serem os primeiros a chegarem nos EUA nos primeiros anos de Revolução, foram chamados de “Exilados Dourados” (TORRES, 2001). Esses, segundo Grénier e Perez (2017), representavam uma classe social mais alta, repleta de profissionais de alta estirpe. Um segundo momento que mudou completamente o cenário de imigrantes cubanos nos Estados Unidos foi com a “crise do Mariel” em 1980, ao contrário dos “Exilados Dourados” os *marielitos* caracterizados por serem negros e mulatos, e de baixa classe social, não foram bem

---

<sup>1</sup> Comunicação pessoal da minha orientadora.

recepcionados como os imigrantes da Revolução e puderam enxergar outro viés da situação, visto que eles foram inseridos em desvantagem na hierarquia social do enclave cubano (TORRES, 2001). Enxerga-se aqui que culturalmente inseridos de maneira distinta na sociedade americana, os imigrantes cubanos puderam experimentar diferentes vivências e pontos de vista em relação aos Estados Unidos.

Os cubanos residentes nos EUA, nascidos em Cuba, constituem a terceira maior comunidade hispana no país, ficando atrás apenas daqueles provenientes do México e de El Salvador, como mostram dados trazidos por pela CNN (ELVERDIN, 2021) com base no Censo realizado em 2019<sup>2</sup>.

Nessa conjuntura tem-se, obviamente uma situação de bilinguismo em que se observa o contato entre variedades do espanhol e do inglês. Embora o inglês seja visto como o modelo e a língua dominante, a imigração crescente e permanente nos EUA assim como a contribuição econômica e cultural destes grupos têm feito com que novas variedades, fruto do contato linguístico, tenham surgido e se consolidado (JUARROS-DAUSSA, 2012).

Segundo Bauman (2012):

Herdada ou adquirida, a cultura é parte separável do ser humano, é uma propriedade de tipo muito peculiar, sem dúvida alguma: ela partilha com a personalidade a qualidade singular de ser ao mesmo tempo a “essência” definidora e a “característica existencial” descritiva da criatura humana. (BAUMAN, 2012, p.15)

Desta maneira, é possível perceber que os imigrantes cubanos puderam construir, dentro de um país estrangeiro, uma identidade só deles, que vem envolta na ideia de Parsons (1951, apud BAUMAN, 2012, p. 16), de que a cultura é um sistema de ideias ou crenças. Assim, individualmente ou coletivamente os cubanos encontraram formas de expressividade, e uma delas é o *spanglish*.

Acrescente-se a isso que a identidade cultural pode ser formada na interação entre o sujeito e a sociedade (HALL, 2006), mas ela é construída, afirmada ou negada na e pela língua(gem). Na era pós-moderna que vivemos as identidades estão sempre em processo de mudança, são inacabadas, sempre se fazendo e refazendo; não são as identidades fixas da modernidade (HALL, 2006). Outrossim, uma comunidade imigrante passa por um

---

<sup>2</sup> Para se ter acesso a esses dados, basta clicar em <https://data.census.gov/table?t=Place+of+Birth&tid=ACSDT1Y2019.B05006&hidePreview=false&vintage=2018>.

processo profundo de mudanças, o que afeta o seu próprio eu também na questão identitária de pertencimento e adaptações.

O interesse por produzir uma pesquisa que abordasse o tema do *spanglish* se deu ao longo da minha graduação. Sempre me interessei pelo processo de aquisição de línguas e desde muito nova, quando ouvia alguma música que misturava idiomas, geralmente inglês e espanhol, eu ficava fascinada. A matéria de Língua Espanhola 8, com a professora Helena Santiago, me ajudou a delimitar o gigantesco assunto que o *spanglish*, e coincidiu com o momento em que eu assistia a série *One Day at a Time* (2017-2020). Assim, ambos, o *spanglish* e a série, passaram a ser meu objeto de estudo: ao avançar na série fui definindo melhor a minha pesquisa, pois estudando a personagem cubana Lydia (Rita Moreno), descobri o quanto poderia explorar a história cubana por causa dela, incluindo o projeto *Peter Pan* e a migração cubana nos EUA.

Apesar de a maioria dos cubanos ainda viverem na Florida (PEW RESEARCH CENTER, 2017), que originalmente foi o palco do projeto migratório católico infantil *Peter Pan*, a série *One Day at a Time* se passa em Los Angeles, Califórnia. O enredo da série é centrado na família Alvarez, que tem como matriarca uma cubana que vive com sua filha e netos cubano-americanos. A série aborda de forma geral temas muito incisivos como: identidade cultural, imigração, feminismo e cotas raciais, mas de uma maneira leve e humorística; apesar disso, a série incisivamente demonstra uma posição anti-Castro, de modo que durante seus episódios isso fica extremamente claro.

Diante disso, a presente pesquisa tem como objetivo geral observar e descrever como e com que frequência o *spanglish* entra em cena nos capítulos da série que constituem nosso corpus; observar e analisar o processo dos cubanos e cubanos americanos em sua trajetória imigratória; tanto quanto apresentar questões e conceitos linguísticos de como o *spanglish* existe também para a construção identitária do povo hispano, e mais especificamente na comunidade cubano americana. Em relação aos objetivos específicos, busca-se analisar e examinar o *spanglish* e de que modo ele é abordado nas falas da família Alvarez, isto é, investigar se essas falas têm cunho estereotipado e se são usadas de maneira única nos episódios ou se é possível observar mais de um comportamento nas falas em *spanglish*. Esses objetivos percorrem um trajeto através de três legendas para serem analisadas como corpus, através do uso do *site Sketch Engine*, e são usados para observar em quais situações o fenômeno *spanglish* acontece. Ademais, a análise do corpus também busca identificar o fenômeno linguístico e como

ele constitui e fronteira a identidade cubano americana na série, e desse modo observar a língua em uso para construir a realidade da família e a afirmar.

Informo ainda que esta pesquisa se divide em quatro capítulos. No primeiro me dedico a abordar a complexa relação dos Estados Unidos com Cuba, eixo condutor da série que aqui analiso. Foco no contexto histórico, na *Operación Peter Pan* e na incessante migração entre ambos os países. O segundo capítulo, com base nas contribuições de Betti (2011; 2015), Poplack (2001), Lima (2013) e Catañeda (2007), se dedica ao *spanGLISH*, o processo de aquisição linguística, e seus aspectos linguísticos como o *code-switching* e a Língua de Herança. Na sequência apresento a metodologia seguida neste estudo e, por último, no capítulo quatro, apresento a análise do corpus.

## CAPÍTULO 1. A RELAÇÃO ENTRE OS ESTADOS UNIDOS E CUBA

### Meme 1 – Matojo e o patrocinador<sup>34</sup>



Fonte<sup>5</sup>: Cuba em Miami

#### 1.1 Os Estados Unidos e Cuba antes da Revolução: uma relação tensa

A história dos Estados Unidos com Cuba começa muito antes da Revolução Cubana. O recém independente país que em 1776 se livrou do poderio do Reino Unido (FOGUEL, 2022), planejava ~~em~~ adquirir a ilha de Cuba, que ainda era colonizada pela Espanha, e demonstrou esse interesse em 1803, no mesmo ano da compra de Louisiana. Essa ambição expansionista se estendeu a Cuba, devido ao tamanho e proximidade da ilha, que se localiza a 144 km de distância do país norte americano. Conforme Rodríguez e Targ (2015), Cuba se tornou assunto de grande interesse, com bastante relevância geográfica e diplomática, principalmente por fazer sentido para eles, que cartograficamente, Cuba pertencesse aos Estados Unidos. John Quincy Adams foi um dos principais precursores da ideia de que Cuba era inevitavelmente parte do futuro dos Estados Unidos.

<sup>3</sup>Escolha de memes feita juntamente à minha orientadora pois não é transparente o seu significado para quem não é cubano.

<sup>4</sup> O meme traz um desenho antigo que passava na tv para as crianças. Trata-se de uma delegação que precisa de um nadador, porém o personagem não sabe nadar. No meme, que aproveita o desenho e o ressignifica a delegação precisa de um patrocinador, que tem a ver com a nova política migratória de Biden, segundo a qual os cubanos, para emigrarem aos EUA, precisam de um patrocinador que arque com as despesas e mostre boa solvência. A palavra *Yuma* que aparece é um jargão para Estados Unidos em Cuba.

<sup>5</sup> <https://www.cubaenmiami.com/se-busca-patrocinador-las-redes-se-llenan-de-memes-sobre-el-nuevo-parole-que-beneficia-a-cubanos/>

Embora seus interesses políticos e econômicos fossem ambiciosos, os Estados Unidos só tiveram a oportunidade de fazer com que Cuba fizesse parte de sua visão imperialista no final do século XIX com a Guerra Hispano-Cubana-Norte-americana de 1895. Rodríguez e Targ (2015) argumentam, porém, que os desejos por alcançar a independência da colônia espanhola começaram em 1868, ano que marcou o início da chamada *Guerra de los Diez Años* (1868-1878), liderada por Carlos Manuel de Céspedes a partir de um levante espontâneo em diversas regiões. Enquanto alguns achavam oportuna a anexação de Cuba aos Estados Unidos, outros perseguiram a independência (LE RIVEREND, 2012, p. 18). A guerra fracassou e os descontentes lançaram-se a outra contenda, conhecida como a *Guerra Chiquita*, que durou pouco tempo, entre 1879 e 1880, e não teve "caráter nacional" (ECURED, s/a). A *Guerra Necesaria*, luta armada entre os cubanos e a metrópole espanhola, chegou em 1895 e durou três anos. Foi gestada por José Martí durante o exílio e contou com a participação de figuras importantes da contenda anterior (ECURED, s/a). Após a destituição de importantes chefes, a morte dos líderes da guerra, a falta de acordos entre várias autoridades cubanas e os chefes militares, os EUA aproveitaram a conjuntura e os convenceram sobre a necessidade de uma intervenção norte-americana para acabar com a opressão espanhola. É nessa conjuntura que Cuba passa de colônia da Espanha a colônia dos EUA. Este último desconsiderou a contribuição cubana na guerra e vetou seus direitos de negociação após a rendição espanhola. No dizer de Rodríguez e Targ:

A intervenção dos EUA na segunda fase da guerra de independência de Cuba em 1898 moldou significativamente a evolução do futuro estado insular. Era compatível com as ideias do senador Beveridge. Eles abortaram uma luta de libertação nacional e inauguraram uma ocupação militar durante a qual foram institucionalizados os instrumentos de dominação neocolonial estadunidense sobre Cuba. Ao substituir o domínio espanhol pelo neocolonialismo, os EUA estenderam seu projeto hegemônico sobre Cuba, estabelecendo um protetorado que permitiria a acumulação ideal de capital e impediria o surgimento de um estado-nação totalmente independente. A geopolítica, a economia e a ideologia foram combinadas para criar e racionalizar uma agenda neocolonial. (2015, p. 22)

Logo após esse acontecimento, ocorre uma ocupação de tropas estadunidenses na ilha de Cuba, e um governo provisório é estabelecido de 1898 a 1902. Tratou-se de “uma independência tutelada” (LIMIA DÍAZ, 2021), materializada na *ingerencista* Emenda Platt, sancionada em 2 de março de 1901, e em um governo militar sem legitimidade jurídica.

Essa emenda, que durante 31 anos foi um adendo da Carta Constitucional de Cuba, constituiu um acordo que autorizava os Estados Unidos a intervir econômica e militarmente no país, preservando assim os interesses norte-americanos, além disso dava autoridade ao governo estadunidense a interferir no comércio externo de Cuba (SENHORAS, 2021). Para entender melhor os efeitos nocivos do documento para a soberania de Cuba, recorreremos às palavras de Limia Díaz:

Em virtude da Emenda Platt, o presidente dos Estados Unidos recebeu a faculdade legal de manter a ocupação militar até que não fosse estabelecido em Cuba um Governo precedido de uma constituição, que seria elaborada por uma convenção constituinte, convocada pelo próprio Governo interventor. O mais importante: como parte dessa carta magna (...) teriam que definir-se as relações bilaterais entre Cuba e Estados Unidos. (2021, s/p)

Dessa forma, as tropas militares estadunidenses não sairiam tão rápido nem tão fácil de Cuba. Em 1934, quando Gerardo Machado governava a ilha na qualidade de marionete dos EUA, a Emenda Platt foi anulada, mas entrou em cena um novo Tratado de Reciprocidade Comercial entre Cuba e Estados Unidos. Até esse momento, de acordo com a professora cubana de história, Francisca López Civeira, como Cuba estava ocupada militarmente, o país só exportava açúcar para Estados Unidos e importava de lá, ou seja, era monoprodutor e monoexportador (LÓPEZ CIVEIRA, 2022). Na visão de Ibarra Guitart (2023), Benjamín Sumner Welles, embaixador dos Estados Unidos em Cuba, propôs essa saída para enfrentar a crise econômica mundial, o estrangulamento do mercado açucareiro cubano devido às altas tarifas impostas pelos EUA no mercado latino-americano e mediar a crise que se prolongava entre o governo do momento e a oposição cubana. Tal Tratado consistiu na instituição de tarifas comerciais em termos recíprocos entre Cuba y a nova metrópole comercial e política; porém em nenhuma das versões desse tratado houve a reciprocidade mencionada, pois os produtos estadunidenses tinham uma diminuição tarifária que não possuíam os produtos cubanos no mercado mundial, o que obviamente afetou a economia da Ilha e enriqueceu uns poucos.

De acordo com Rodríguez e Targ (2015), Sumner Welles chegou a Cuba também com o objetivo de reformar o modelo neocolonial e escolher "um líder militar cubano, Fulgencio Batista, que se tornou o principal aliado cubano dos Estados Unidos pelos próximos 20 anos". (2015, p. 24). Ora, em tese, a Emenda foi desfeita por causa da 'Política de Boa Vizinhança' constituída por Franklin Roosevelt que contemplava os países da América Latina. Essa política se fundamentava em respeitar o direito dos países latino americanos e obter cooperação fraternal entre países (MATHEWS, 1935 apud

ROOSEVELT, 1933). Lamentavelmente, o que pareceu ser um acordo para beneficiar Cuba e outros países latino-americanos, se mostrou de outra forma quando enxergamos o cenário político citado acima.

Cuba estava em uma ditadura e economicamente quebrada. Segundo Cronon (1959, p. 538), “A deterioração da economia cubana sob o impacto da depressão mundial após 1930 intensificou o crescente descontentamento popular com o regime corrupto e implacável de Machado”. Isso significa que a intervenção de Welles, tinha interesses em poupar a economia americana, e apaziguar a situação desordenada que a ilha de Cuba se encontrava.

No gráfico abaixo é possível perceber a queda brusca da economia até o ano de 1933, época à que fizemos menção anteriormente:

**Gráfico 1 - Produto Interno Bruto de Cuba entre 1902-1958**



Fonte: Ward e Devereux (2012, p.120)

Interpreta-se então, que apesar de o ano de 1902 indicar um PIB (Produto Interno Bruto) consideravelmente baixo, atingindo uma média de 65%, entre 1932 e 1933, em meio à depressão mundial, ele atinge sua maior baixa, que se registra na média de 58 a 60%.

No documentário "Operação Pedro Pan", transmitido no canal brasileiro *Curta*, afirma-se que “Durante 60 anos, os cubanos tiveram uma série de líderes corruptos e, quase sempre, ditatoriais. O último e o pior de todos foi Batista. Ele transformou Cuba

em um Estado policial” (DIAS; ZANATTA, 2020). Podemos perceber então que houve uma grande linha sucessória de governos que, de certa forma, não contribuíram com o desenvolvimento do país como esperado, pelo contrário, mergulharam a Ilha em práticas de corrupção e aprofundaram o abismo social existente, além de manter sempre uma posição de dependência e subserviência aos Estados Unidos.

Fulgencio Batista ascendeu ao poder por um golpe de estado, mediante o qual derrubou o presidente Carlos Prío Socarrás. Mas ele não foi presidente imediatamente; foi chefe das forças armadas e controlou os presidentes subsequentes a Prío Socarrás. Foi em 1940 que se elegeu presidente da República, com apoio tanto das forças conservadoras quanto das comunistas (LAMRANI, 2013).

Nesse período, de acordo com *Lamrani*:

*“el volumen y el tamaño de la corrupción”, su alineamiento con la política exterior estadounidense y su dependencia del mercado estadounidense marcaron su gobierno. Batista permitió también que Washington utilizara el espacio aéreo, marítimo y terrestre, dispusiera de varias bases aéreas y navales con uso exclusivo durante la Segunda Guerra Mundial, sin reciprocidad, poniendo así la soberanía nacional entre paréntesis.* (2013, destaque do original).

Entre 1952 e 1958, governou novamente e chegou ao poder também por um golpe de estado contra Prío Socarrás (LOPES, 2004). Durante esse período agiu como um ditador, cruel e sanguinário, principalmente com os jovens universitários, integrantes da oposição. Além do material escrito sobre os atos bárbaros e repressivos por ele cometidos ou autorizados, o multipremiado filme *Clandestinos* (1987), do diretor cubano Fernando Pérez, revela os confrontos e repressões sistemáticas que a população sofreu.

A relação entre Cuba e EUA no governo Batista também merece algumas considerações: como se lê em Lamrani (2013), os Estados Unidos reconheceram o governo de Batista imediatamente, no mesmo ano em que deu o golpe de estado (1952) e nesse mesmo ano, meses depois *"Washington firmó acuerdos militares con La Habana, aunque era consciente del carácter brutal y arbitrario del nuevo poder"* (*ibid.*). Logo, é indiscutível que este foi um dos governos mais difíceis para a população cubana, e para alguns pesquisadores, foi o estopim para o início do planejamento das ações que depuseram o ditador e instauraram a revolução cubana no poder.

Para finalizar esta aproximação ao legado de Fulgencio Batista recorreremos à visão da destacada pesquisadora cubana *Graziella Pogolotti*, quem conclui que:

*Tras la fachada ostentosa subsistía un mundo campesino de precaristas, carentes de acceso al mercado, a la educación y a la medicina, sujetos a la amenaza del desalojo, con los niños devorados por los parásitos y el raquitismo. La tuberculosis alcanzaba cifras exorbitantes. El país transitaba por una crisis política, social y económica. (POGOLOTTI, 2022).*

## 1.2 A caminho da Revolução Cubana: a luta armada

A Revolução Cubana até hoje é vista como um acontecimento controverso, enquanto uns consideram-na como a salvação de Cuba e também reconhecem sua forte repercussão em outros países; outros creem que este foi o estopim do fracasso da ilha. A Revolução nasceu de uma grande insatisfação com governos que eram tidos como ditatoriais e fantoches - que velavam pelos interesses dos Estados Unidos, com a corrupção imperante no espaço público, com a perseguição às religiões de matriz africana, com o racismo acentuado e com as gritantes desigualdades sociais resultantes da política dos sucessivos governos (POGOLOTTI, 2022). Também era motivo de insatisfação o fato de Cuba ter se transformado numa espécie de “*playground*” para a máfia americana, que havia implantado ali cassinos e casas de exploração sexual.

De acordo com Pogolotti (*ibid.*):

Havana mostrava a típica imagem das capitais do mundo subdesenvolvido. Exibia uma linda vitrine com elegantes edifícios, hotéis, cabarés e cassinos (alguns em poder da máfia). Por trás dessa vitrine aninhava-se a extrema pobreza e uma extensa geografia bordel, e alguns bordéis para clientela rica, com aplicação cuidadosa de medidas sanitárias. Esses fatores, de certa forma, não contribuíam para o crescimento econômico do país, que já era refém dos Estados Unidos desde sua independência. (tradução nossa)

Quem liderou a Revolução que tirou Fulgencio Batista do poder foi Fidel Alejandro Castro Ruz, "filho de um rico latifundiário local. Educado num colégio interno da Ordem dos Jesuítas - como era de praxe entre os filhos das famílias tradicionais - sua origem em nada renunciava a trajetória de futuro líder político" (JÚNIOR, 2007, p. 324), mas a sua trajetória como líder estudantil enquanto cursava Direito na Universidade de Havana e seu desempenho na luta armada, além da sua atuação na preparação do golpe de estado contra Batista preso e exilado no México, o levaram a ocupar esse espaço de liderança que continuou ocupando posteriormente quando triunfou a revolução em 1959.

E a Revolução foi uma resposta ao cenário sociopolítico e econômico da Ilha nas mãos de ferro de Batista: além da ilegitimidade de qualquer organização que representasse os direitos dos trabalhadores e defendesse os cidadãos, o clima era de forte

repressão e de assassinatos dos opositores ao regime (JÚNIOR, 2007). Acrescente-se a isso que Fulgencio Batista fez mudanças que o eternizariam no poder:

Em abril de 1952, Fulgencio Batista, para dar um caráter legal à sua ditadura, impôs uma reforma constitucional que, em seu artigo 118, estabelecia que o Presidente da República seria designado pelo Conselho de Ministros e, dois artigos adiante artigo 120, inciso 13) estabelecia que correspondia ao Presidente nomear e renovar livremente os ministros, substituindo-os nas oportunidades convenientes. Nesta reforma constitucional imposta por Batista cabia ao Presidente nomear os Ministros, que por sua vez elegeriam o Presidente. (JÚNIOR, 2007, p. 232)

Para fazer frente a essa situação, um grupo de jovens, sob a liderança de Fidel Castro, planejou e levou a cabo os assaltos aos quartéis Moncada e Carlos Manuel de Céspedes, localizados na região oriental do país, no dia 26 de julho de 1953. Foi um ataque que tinha como principal objetivo a tomada de armamento para assim gerar um processo insurrecional. Lopes (2015, p.4) relata que “[..] 123 homens e duas moças, atacaram o Quartel Moncada, o segundo em importância na ilha [..]. A operação fracassa; cinco revolucionários ficaram feridos, oito morreram, 61 foram executados sumariamente e os demais foram presos”. O assalto foi elaborado para ser inesperado pela ditadura de Batista, todavia boa quantidade dos guerrilheiros, num grande infortúnio, se deparou com uma patrulha militar que alertou o resto do pelotão sobre a invasão (JÚNIOR, 2007). Essas ações foram uma derrota, mas na opinião de historiadores cubanos, dentre eles, Herrera, "*[l]as acciones del 26 de julio de 1953 no fueron el fin de un esfuerzo, sino el inicio de una lucha que culminó con la victoria en enero de 1951*" (2019, s/p).

É importante destacar que a maior inspiração da Revolução Cubana foi José Martí (1853-1895), uma figura intelectual excepcional na luta pela independência de Cuba com grande atuação também nas letras cubanas. Fidel, em julgamento após os ataques aos quartéis, quando questionado sobre a autoria do plano, respondeu ser José Martí o autor intelectual do assalto ao Moncada (JÚNIOR, 2007).

Como consequência das ações armadas antes mencionadas e do julgamento dos guerrilheiros que delas participaram, ocorre o aprisionamento desses sobreviventes. Mais tarde, em maio de 1955, o próprio Fulgencio Batista concede anistia para Fidel e possivelmente para seu irmão Raúl Castro, lamentavelmente, pouco se sabe sobre como foi esse processo dos anos de 1953 a 1955. Os anistiados partem para um exílio no México, lugar em que criam o Movimento 26 de Julho, em homenagem ao assalto falho (SUAREZ, 1972).

Cabe apontar que, ainda no México, o movimento militante ganha forças após a anistia. Lopes (2004, p.18) aponta que:

os revolucionários exilados em 1955, iniciam um treinamento de guerrilhas. A eles se uniria o médico argentino Ernesto “Che” Guevara e quando conseguem equipar 82 homens, resolvem invadir Cuba, em dezembro de 1956, embarcando num pequeno barco (o iate Granma).

Esse é o segundo passo da luta revolucionária, cujo movimento se concentra na região de Sierra Maestra, uma região serrana de Cuba caracterizada pela dificuldade do terreno, pois está situada geograficamente em um terreno de difícil acesso, o que beneficiava a luta dos guerrilheiros contra o regime de Batista (LOPES, 2004). Inicia-se assim um plano silencioso, cuja estratégia principal era agir cautelosa e imperceptivelmente ao governo.

No período de 1956 a 1958, a situação latifundiária para os cubanos estava em um momento frágil, muitos deles foram expelidos das regiões férteis e planas da ilha, o que os levou ao proletariado. Oportunamente, Fidel Castro e seus guerrilheiros acharam mão de obra e cooperação para a continuação da Revolução com esses camponeses. Castro tinha a premissa de que para uma melhora econômica, era necessário tomar o atual poder: esse discurso concedeu a ele grande poder da massa para a continuação de seu plano inicial (JÚNIOR, 2007).

Os últimos acontecimentos antes do triunfo de Castro acontecem no fim de 1958, conforme descreve Lopes (2004, p. 21 *apud* JÚNIOR, 2007, p.109-110):

Este último momento, focaliza os fatos que culminaram no triunfo da Revolução Cubana, tais como a evolução da guerrilha, o avanço do exército rebelde e a aliança com os camponeses. Após impingir a derrota às forças ofensivas, os guerrilheiros, usando nova estratégia, abandonaram a Sierra Maestra e passaram a atuar na planície, dividindo o grupo em duas colunas: a Coluna de Antonio Maceo, comandada por Camilo Cienfuegos e a Coluna Ciro Redondo, comandada por Che Guevara. Essas duas forças avançam rapidamente, tomando as cidades da região e, cada vez com maior adesão de voluntários, tomam também importantes cidades como Santa Clara e Santiago e Cuba. Já se fala então, em Exército Rebelde. E diante do avanço dessa força revolucionária, apoiada em parte pela população e ajudada pela paralisia das forças repressivas, o ditador e a burguesia cubana, pressentem o fim do regime. Em 1º de janeiro de 1959, Fulgêncio Batista, antevendo o fim do regime ditatorial, deixa o país.

Após o triunfo, Fidel e seus colegas combatentes assumem o governo de Cuba em 8 de janeiro de 1959, depois de 7 anos de luta. Não é exagero afirmar que esse fato histórico é um dos mais importantes da história de Cuba até hoje. Porém, apesar do apoio

a Fidel e do entusiasmo pela liberdade, no início da Revolução não se tinha muita clareza sobre se a orientação do governo seria socialista ou comunista e isto provocou atritos entre os mesmos dirigentes.

Já no primeiro ano da Revolução - 1960 - houve muita resistência ao novo governo: o governo celebrou julgamentos políticos dos apoiadores/colaboradores de Batista, os que fuzilou posteriormente, estatizou empresas, sancionou a Lei de Reforma Agrária, que expropriou a terra dos donos ociosos para entregá-las a quem as trabalhasse, entre outras reformas e mudanças. Muitos cubanos, endinheirados ou não, abandonaram suas propriedades rumo aos Estados Unidos. Lá, no exílio, começaram a atuar fortemente na oposição. É nesse contexto inicial da Revolução Cubana que ocorre a *Operação Peter Pan*, à qual dedicamos a próxima seção.

### 1.3 A Operação *Peter Pan*

A *Operação Peter Pan* foi um programa da CIA (*Central Intelligence Agency*) em parceria com a Igreja Católica e os cubanos exilados que levou mais de 14.000 mil crianças de famílias cubanas para os Estados Unidos. A operação teve seu início em dezembro de 1960 e terminou em 1962. Muitos foram os motivos pelos quais pais da classe média à alta alegaram ter tomado a decisão de deixar que seus filhos partissem sem tutela para um país estrangeiro, mas um dos principais seria o medo do comunismo e da ideologia fidelista (BRADFORD, 2016): o comunismo comeria crianças. Como se vê, tempos atuais não são originais em termos de *fake news*.

Para compreender a *Operação Peter Pan*, antes é necessário compreender o contexto religioso, ou seja, o que era a igreja católica e o que ela significava para a população cubana. Segundo Crespo e Marrawi (2000, p. 10) a religião:

era uma questão mais social do que de fé; ir à missa fazia parte do costume da época, antes um ato de natureza eminentemente social. Era comum encontrar o fenômeno de católicos que frequentavam centros espíritas ou de outras religiões; ou ser muito religioso e ir contra todos os preceitos da Igreja.

Com esta informação, é possível entender que o público-alvo da *Operação Peter Pan* era seletivo: praticantes do catolicismo, com famílias mais conservadoras e mais abastadas.

No documentário *Operação Pedro Pan*, de Dias e Zanatta (2020), o professor de Estudos Religiosos, Enrique López Oliva, comenta que por causa da ditadura de Batista,

a igreja apoiava o cenário inicial revolucionário; a situação, no entanto, muda quando Fidel é cobrado pelo povo sobre as transformações socioeconômicas prometidas. A partir disso vê-se uma porta para o socialismo, que a Igreja não aceita e rompe com o governo (DIAS; ZANATTA, 2020).

É importante esclarecer que a Igreja Católica e seus integrantes em Cuba em maioria eram da burguesia, sendo assim, esses católicos defendiam o anticomunismo e eram contra a luta de classes (CRESPO; MARRAWI, 2000). Não demorou muito para que a Igreja participasse de ações antirrevolucionárias: oito meses após a posse de Fidel, acontece o primeiro levante:

Em agosto de 1959, o Governo Revolucionário denunciou a participação do sacerdote claretiano Ricardo Velasco Ordóñez, organizador de um plano de levante armado na área de Trinidad, que atuou em nome do então tirano dominicano, Rafael Leónidas Trujillo e Molina e com a participação de capangas de Batista como Roberto Martín Pérez, filho do coronel da tirania Lutgardo Martín Pérez, atual membro do Conselho de Administração da Fundação Nacional Cubano-Americana e marido de Ninoska Pérez, porta-voz para essa mesma organização anti-cubana. (CRESPO; MARRAWI, 2000, p. 12)

Além da aliança soviética que Cuba fez logo após a visita do vice-primeiro-ministro Anastas Mikoyan, em 1960, que foi o ponto de partida para que a *Operação Peter Pan*, no ano seguinte, acontecesse, o governo revolucionário, a partir do momento em que percebeu as movimentações sacerdotais, tinha ciência do posicionamento que a Igreja levaria a partir daí. Desse momento em diante, sacerdotes cubanos católicos começaram a procurar exílio nos Estados Unidos, que sem pestanejar receberam-nos, começando uma aliança contra a Revolução. O principal motivo pelo qual a igreja católica cubana apoiava os Estados Unidos naquele momento era pela crença de que os EUA defendiam ideais cristãos e ocidentais, não obstante, o interesse destes era evitar a qualquer custo a ameaça do socialismo tão próximo de seu país (CRESPO; MARRAWI, 2000).

Os Estados Unidos também fizeram sua parte para que a *Operação Peter Pan* acontecesse, a *Radio Swan* foi uma delas, segundo Crespo e Marrawi (2000, p. 88) “*Radio Swan* que, [...], foi criada, financiada e dirigida pela CIA, em maio de 1960, como órgão de propaganda subversiva em seus planos de derrubar a Revolução Cubana”. E, através da *Radio Swan*, transmitiram pela primeira vez a campanha *Patria Potestad*, que consistia em circular notícias mentirosas, como fazer os pais cubanos acreditarem que Fidel Castro tomaria suas crianças na idade de 5 anos e somente as devolveria

disciplinadas no Comunismo com 18 anos de idade (CRESPO; MARRAWI, 2000). A soma desses fatores fez com que houvesse uma primeira onda migratória no segundo semestre de 1960.

Sob a proposta governamental de Fidel, que consistia em transformar em laica a educação nas escolas cubanas. Como consequência, a Igreja Católica, juntamente com as Escolas Católicas de Cuba, inicia o processo de planejar a emigração das crianças. Como o processo inicialmente foi sigiloso, o governo de Cuba não percebe de imediato o exílio infantil (DIAS; ZANATTA, 2020).

O Padre Bryan O. Walsh, diretor do Catholic Welfare Bureau, trabalhou com o governo dos Estados Unidos para que em novembro de 1960 a *Operação Peter Pan* se iniciasse em Miami. O professor de Estudos Latino-Americanos, Lizandro Pérez, comenta que por ser parte de um plano migratório muito maior, a *Operação Peter Pan* aconteceu sem que houvesse impedimentos para que as crianças católicas cubanas recebessem o visto para morar em território norte-americano. Em 26 de dezembro Walsh recebeu as primeiras crianças cubanas em território estadunidense. (DIAS; ZANATTA, 2020).

De acordo com Sahlins (2006, p. 168):

foi a notória Operação Pedro Pan de 1960-62, que transformou milhares de crianças cubanas em "falsos órfãos". Sob os auspícios da Igreja católica nos Estados Unidos - trabalhando em acordo secreto com o governo norte-americano - mais de 14 mil crianças cubanas entre 6 e 16 anos foram separadas de seus pais e despachadas para os Estados Unidos, onde foram tratadas como "órfãs de pais vivos". Acredita-se amplamente que a CIA foi responsável pelos terríveis rumores circulados pela Igreja cubana e pela Rádio Swan para induzir os pais a se separarem de seus filhos, o regime de Castro lhes iria tomar as crianças para doutriná-las politicamente ou então mandá-las à Rússia [...]. (SAHLINS, 2006, p.168)

É importante destacar que existem dois pontos de vista em relação ao exílio das crianças *Peter Pan*: um que enxerga o projeto como um dos mais tristes até hoje, principalmente pelo destino que algumas crianças tiveram, abandonadas e violentadas nos lugares onde ficaram nos EUA, como mostra o depoimento de muitas crianças no documentário antes citado; e outro, na ótica dos pais, que mostra como foram enganados com notícias falsas fornecidas pelo governo estadunidense e que acreditaram nessa via como a única forma de sobrevivência de seus filhos. É preciso também considerar o papel da CIA neste projeto, que realmente criou várias situações com o propósito de manipular milhares de pais cubanos, assim como outros conflitos que os Estados Unidos planejaram

contra Cuba para derrubar o Governo de Fidel Castro. Por fim, sabe-se que com esses acontecimentos iniciou-se o processo migratório de muitos cubanos.

#### **1.4 A Emigração de cubanos a partir da Revolução**

O Dicionário Priberam define a emigração como “Conjunto de pessoas que deixam o seu país ou a sua região para se estabelecerem noutra.” (EMIGRAÇÃO, 2023). Logo após a posse de Fidel em 1959 como primeiro-ministro, uma emigração em massa aconteceu dos cubanos para os Estados Unidos, mas esta não foi a primeira vez que uma onda migratória acontecia na ilha cubana, como já foi apontado antes nesta pesquisa. Dos anos de 1949 até 1959, estipula-se que 80 mil cubanos ganharam visto de residência permanente nos Estados Unidos (RUIZ, 1998). É com base nessa informação, que julgamos relevante ponderar os motivos desse deslocamento.

A ilha de Cuba no cenário de 1959 estava passando por várias mudanças, além de um governo novo, as pessoas não sabiam o que esperar das futuras decisões oficiais, isto porque nos primeiros meses de Revolução não se tinha clareza sobre as propostas governamentais, apenas que o importante era tirar Fulgencio do poder. Mais tarde, porém, as medidas revolucionárias do novo governo foram conhecidas: além das mudanças socioeconômicas, Castro tomou medidas punitivas contra os civis e militares considerados culpados pelos crimes cometidos na ditadura de Batista, e, por causa dessas medidas aproximadamente 200 mil pessoas, ricas ou de classe média, deixaram o país (RUIZ, 1998).

É importante ressaltar que a maioria dessas pessoas tinha vantagens econômicas no país, isso explicaria a insatisfação com um governo que se declarava nacionalista. Até pessoas que lutaram a favor da Revolução Cubana sentiram a necessidade do exílio pois, as ideias Fidelistas iam ficando cada vez mais radicais, distantes da defesa da democracia na concepção deles; ademais, os empresários que ainda moravam em Cuba se sentiam ameaçados com a ideia comunista, fazendo com que a mudança para os Estados Unidos fosse um ‘bom negócio’ para eles (RUIZ, 1998). A justificativa do autor reforça o imaginário de que a população elitista de Cuba só teria a perder se continuasse em um país que visava erradicar a desigualdade socioeconômica e oferecer dignidade a todos os cidadãos igualmente.

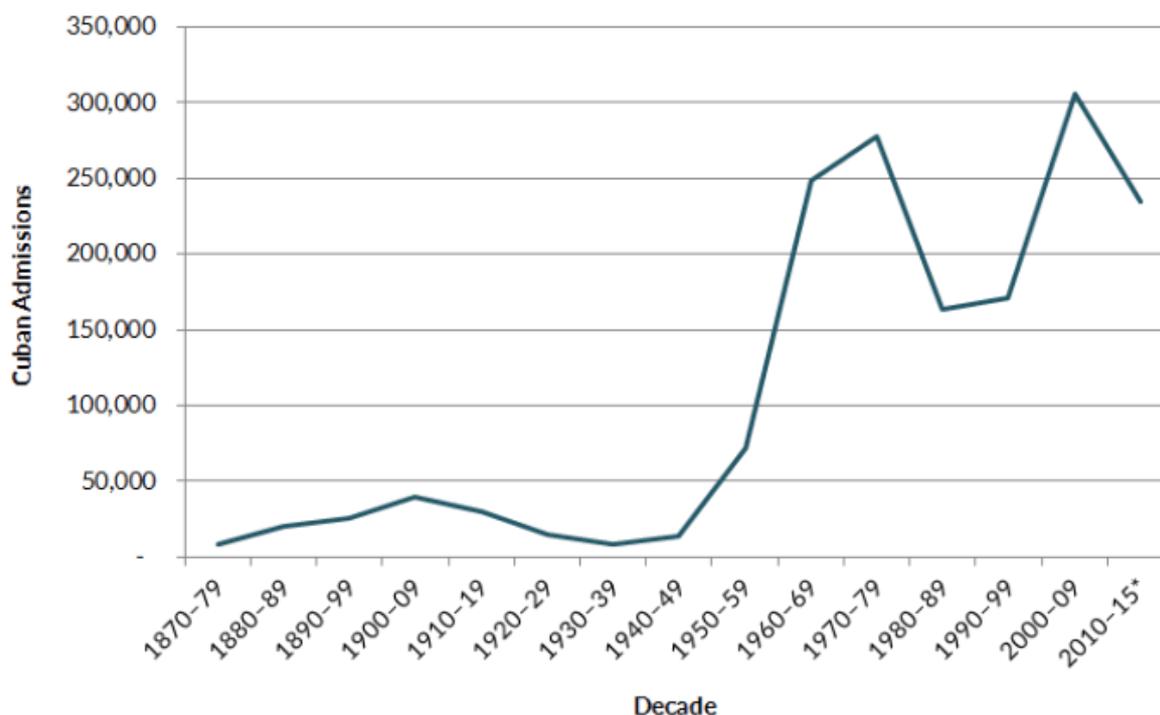
Em 1965 acontece o que o autor Bender (1973) chama de terceira onda migratória:

O enorme aumento nas saídas legalizadas, [...], surgiu do anúncio de Castro em 28 de setembro de 1965 de que todos aqueles que desejassem deixar a ilha poderiam fazê-lo livremente. Imediatamente depois disso, milhares de cubanos correram para o porto autorizado de saída (Camarioca, leste de Havana) para embarcar para os Estados Unidos em qualquer tipo de embarcação disponível. Para evitar acidentes graves e mortes, bem como regularizar o fluxo de cubanos para fora da ilha, o presidente Johnson anunciou que os Estados Unidos receberiam com prazer todas essas pessoas. E, além disso, [...] foi alcançado um acordo com o regime de Castro em 6 de novembro de 1965 segundo o qual todos os cubanos que se registrassem para emigrar seriam transportados de avião para fora de Cuba nos Estados Unidos. Os gastos do governo incluíam voos duas vezes por dia, cinco dias por semana. Esses voos – que custavam \$800 cada – evacuavam para Miami entre 3.000 e 4.000 refugiados por mês. O período de registro para esta evacuação de transporte aéreo terminou em maio de 1966, e a maioria daqueles que originalmente se registraram e desejavam partir foram levados para os Estados Unidos. (BENDER, 1973, p. 273)

Dessa forma, a melhor maneira de compreender esse processo é considerar que a população cubana que estava insatisfeita com o que Cuba estava se tornando, gostaria de ter o direito de ir embora. Ao que Fidel Castro concedeu este direito, seja porque boa parte da população não concordava com suas ideias, ou porque extrair cidadãos dessa categoria poderia o ajudar na gestão de um governo mais pacífico. É pertinente trazer à tona que esse processo migratório em massa teve um alto declínio em 1972, quando Castro começa a interromper esses voos, ao passo que mais tarde os interrompe completamente, deixando ainda cerca de 94.000 pessoas na lista de interesse para emigração (BENDER, 1973).

É possível visualizar de forma mais ampla o cenário migratório através do seguinte gráfico:

### **Gráfico 2 - Imigrantes Cubanos 1870-2015**



Fonte: Migration Policy Institute (2007, s/p)

Percebe-se a partir do gráfico 2, que do período de 1950 a 1970 o processo de emigração teve uma alta de aproximadamente 270.000 pessoas. Outras ondas migratórias também aconteceram ao longo da história, sendo as principais delas:

- O Êxodo do Mariel: Em 1980, 12 cubanos buscaram a embaixada peruana para pedir asilo político. Houve um acordo de que lhes seria concedido esse asilo, porém mais tarde, o governo peruano desistiu do acordo e permitiu que os cubanos ficassem apenas na embaixada; todavia essa ação fez com que outros cubanos procurassem embaixadas latino-americanas para pedir asilo também. A partir desse incidente o governo revolucionário até proibiu a entrada dos cubanos nas embaixadas, mas o número de pessoas procurando ajuda dos corpos diplomáticos chegou a 10.000 em 72 horas. Foi concedida então a autorização para que quem desejasse emigrar o fizesse através do porto de Mariel. Mais uma vez os Estados Unidos se mostraram abertos a receber esses cubanos com a premissa de que eles teriam o direito de sair do poder comunista. Com isso, 125 mil emigrantes chegaram aos Estados Unidos e desta vez, muitos deles eram de classes mais baixas, negros e pardos (TORRES, 2001). Observa-se a partir daqui uma mudança no que se refere aos imigrantes cubanos nos Estados Unidos, pois sabe-se que

antes dos marielitos, esses emigrados se classificavam em sua maioria como brancos de classe média a alta.

- A Crise dos Balseiros: Com a economia de Cuba prejudicada por causa da queda da União Soviética, aumentaram os imigrantes ilegais nos Estados Unidos, o governo americano então tenta criar um golpe interno para que Cuba pudesse ter eleições democráticas, fator que não acontece. Isso fez com que os EUA reagissem de forma ainda mais rígida em relação às suas políticas imigratórias, a ação migratória dos Balseiros, que aconteceu entre 1994 a 1995, consistia nos cubanos viajando de balsa até a Flórida, sem que os fosse autorizado pelo governo cubano. Por consequência do perigo dessa ação, muitas pessoas foram mortas no trajeto, foram estimadas 30.000 pessoas saindo por balsas ilegais (CHAVEZ, 1996). Atrélada ao êxodo pós-soviético, a crise dos balseiros foi um acontecimento que sucedeu a queda do Campo Socialista. Neste contexto, fica claro que por causa da situação econômica da época, muitos cubanos preferiram arriscar suas vidas para tentar chegar na Flórida. É lamentável que milhares de pessoas tenham morrido neste trajeto.
- O Êxodo Pós-Soviético: Período que durou de 1995 até 2015, em meio a acordos migratórios dos Estados Unidos e Cuba, o governo Clinton (1993-2001) começa a negar emigrantes- algo inédito desde 1959- que consistia em fazer cubanos que estavam se direcionando em barcos e jangadas, ao território americano sem visto, voltar a cuba, ao passo que se esse cubano conseguisse pisar em solo americano ele era automaticamente admitido. Esse período de 20 anos foi um dos mais longos em termos migratórios, estima-se que 650.000 cubanos, por vias terrestres e aquáticas se tornaram imigrantes (DUANY, 2017). Como se pode ver no gráfico 2, foi o período de mais alta porcentagem em imigrantes aceitos.
- Êxodo atual<sup>6</sup>: nos últimos anos o país tem passado por uma grave crise econômica e social, agravada pela pandemia. Apesar das reformas econômicas e do discurso político-ideológico que exige compromisso dos cubanos tidos como revolucionários como a defesa do país, o certo é que as conquistas da Revolução são cada vez mais invisíveis: falta comida, insumos médicos e remédios, energia e transporte, condições precárias que têm feito com que muitos cubanos saiam às ruas protestar e exigir melhores condições de vida. Uma dessas manifestações foi

---

<sup>6</sup> Comunicação pessoal da minha orientadora.

emblemática, a de 11 de julho: milhares de pessoas foram protestar democraticamente às ruas e contaram com apoio internacional. O governo reprimiu fortemente quem participou e passava por acaso por perto. Essa repressão política, junto às mencionadas penúrias, fez com que muitos cubanos vissem a saída do país como o único horizonte possível. Assim, o alto número de cubanos que abandonam diariamente o país por via marítima (em embarcações precárias), aérea (via legal com visto estadunidense ou ilegal, a traves de terceiros países como Nicarágua, Rússia, México, Emirados Árabes, Espanha) ou atravessando fronteiras com auxílio de coíotes (Brasil, México, Colômbia) é muito maior do que o visto em movimentos migratórios anteriores. Segundo fonte do jornal *El país*, com base em dados fornecidos pela *Oficina de Aduanas y Protección Fronteriza de EUA* e da Guarda Costeira do mesmo país, em 2021 aproximadamente 180.000 cubanos chegaram ilegalmente pela fronteira com o México e 8.000 o fizeram por mar (VICENT, 2022). Nessa mesma fonte lê-se que entre outubro de 2021 e setembro de 2022, 5421 balseiros tentaram chegar aos Estados Unidos: *“Se trata de un éxodo sin precedentes: esta crisis migratoria es mayor que todas las anteriores”*.

Vê-se, pois, que com o passar dos anos se torna cada vez mais variada a porcentagem migratória cubana, incluindo pessoas de todas as raças, classes sociais, profissões e qualificações. Logo, é indiscutível o fato de que a emigração trouxe muitas mudanças, tanto para essa população que se tornou imigrante, quanto para os Estados Unidos, que recebeu mais de 1.000.000 de cubanos com o passar dos anos.

### **1.5 Os Cubano-americanos: que identidade é essa?**

O estabelecimento dos cubano-americanos nos Estados Unidos - especialmente em Miami - acontece antes e depois da Revolução Cubana, como já foi explicitado nesta pesquisa. Desde 1997, a quantidade de cubanos que moram em Miami só é superada por Havana, de acordo com dados de Castellanos (1997, p. 48). Os cubano-americanos divididos dentre essas ondas migratórias tiveram diferentes experiências de estabelecimento no país, visto que cada onda teve suas particularidades.

Os que emigraram entre 1959 e 1979 são representados como os “exilados dourados”, uma identidade que remete às boas condições de vida que esses primeiros

imigrantes tinham, por se tratar da classe alta, repleta de profissionais e comerciantes qualificados (GRENIER; PÉREZ, 2017), além de donos de grandes empresas e da indústria do tabaco, do rum e do açúcar (TRIFF, 2006) . Os exilados foram entendidos pelo governo dos Estados Unidos como aqueles que estavam fugindo da situação política de Cuba e buscavam segurança nos EUA; eles levaram mudanças significativas para o estado da Flórida pois durante esse período inicial, Miami, cidade da Flórida, passou por um processo chamado de enclave étnico, que nada mais é do que a grande junção de um povo estrangeiro em uma geografia que não é a original deles; como consequência disso a cidade no sul da Flórida passou por mudanças significativas. Lopéz et al (2016, p.115) comentam que: “[...] a comunidade cubano-americana desempenhou um papel central no crescimento do núcleo urbano de Miami e marcou sua vida social e econômica, ao mesmo tempo em que constituía um enclave étnico viável.”

**Figura 1- Mapa dos Estados Unidos com destaque na Flórida**



Fonte: <https://s1.static.brasilecola.uol.com.br/be/conteudo/images/a-florida-nos-estados-unidos-um-exemplo-peninsula-58135f4da1b28.jpg>

Um processo completamente diferente acontece a partir do Mariel, em 1980, pois o público de imigrantes começou a se diferenciar: trabalhadores semiquilificados ou não qualificados, agricultores, pescadores e prestadores de serviços básicos (ECKSTEIN; BARBERIA *apud* LOPÉZ et al, 2016). Houve um grande choque da parte governo dos

Estados Unidos ao se depararem com o extenso número de recém-chegados à Florida (BARBERO, 2015). Foi um longo e difícil período de adaptação em que se precisou achar abrigo, alimentar e educar crianças que não eram alfabetizadas em inglês; também houve uma grande alta na taxa de criminalidade em Miami por uma parte desses novos imigrantes. Os chamados *marielitos* mudaram consideravelmente o cenário migratório dos cubano-americanos; estes foram considerados como a escória da sociedade, e chamados de criminosos, prostitutas, doentes mentais e homossexuais (BARBERO, 2015). Já Torres (2001) tem outro ponto de vista em relação a esses imigrantes:

A chegada dos marielitos criou uma verdadeira divisão, tanto geracional como étnica, na comunidade: a dos "antigos cubanos" versus os "novos cubanos". Eles formam uma nova classe operária cubana dentro dos EUA, e sua presença certamente vem transformando profundamente tanto a imagem do cubano nos EUA quanto a conexão Cuba-EUA, já que a maioria não possui família na América do Norte, fazendo com que o problema das famílias divididas continue a existir. Outra conjectura que pode, ainda, ser feita é de como esses "novos cubanos" se relacionam com as demais comunidades de origem operária. Suas origens étnicas, frequentemente afro-cubanas, também sugerem a possibilidade de uma maior identificação com uma cultura pan caribenha dentro dos EUA. (TORRES, 2001, p.135)

Não menos importante que essa consideração, entretanto, é esclarecer que evidentemente a população de classe social inferior à da primeira geração de imigrantes -devido às condições financeiras- nunca teve a chance de sair de Cuba. Diante disso, é importante entender que essa discrepância entre uma geração de imigrantes e outra se sucedeu justamente pela primeira oportunidade que esses chamados *marielitos* enxergaram de viver o “sonho americano”.

De qualquer forma, os cubanos emigrados precisaram construir novas identidades em novo solo e cultura. Embora num primeiro momento, de adaptação, o emigrado tente “*negar su desplazamiento buscando recrear en el destierro a su país de origen*” e acabe criando ou fazendo parte de grupos culturais ou subculturas dentro da cultura nacional (PÉREZ FIRMAT, 2000, p. 19), acaba por moldar sua identidade ou ocupar novos lugares-identidades na nova sociedade, diante da certeza de que não está mais no seu país, na sua cultura; é um deslocado, um sujeito entre dois mundos, um cubano-americano. Como diz Pérez Firmat (*ibid.*, p. 18, “*nacieron allá [Cuba] pero se criaron aquí [EUA], y que al no integrarse plenamente a ninguno de sus dos países, se sienten marginales respecto a ambos*”). Isso acontece com a geração de crianças que chegou aos Estados Unidos no âmbito da *Operação Peter Pan*.

Para Triff (2006, s/p), os emigrados cubanos, ao chegarem aos EUA, “*necesitaban una identidad que legitimara ocupar nuevos espacios dentro de la sociedad, les permitiera negociar el modo en que se incorporarían a la nueva sociedad y también los ayudara a sobrellevar el rechazo de la misma hacia ellos*”. Ou seja, eles precisaram ajustar sua identidade às novas configurações sociais, mas houve também uma certa liberdade para se identificarem ou não com determinado grupo, com determinados valores e práticas socioculturais. Sabemos com Woodward (2014, p. 9) que “a identidade é relacional”, ela existe pela relação que estabelece com o outro, com o diferente. Eu sou o que não sou, a identidade, segundo a mesma autora, “é marcada pela diferença”, mas também ela é vista e reconhecida por meio de símbolos. Esses símbolos, no caso dos cubanos fora de seus país de origem, podem ser uma bandeira cubana estampada numa bolsa, um cinzeiro I ♥ Cuba ou um charuto Cohiba.

Mas há várias gerações de cubano-americanos em solo estadunidense: estão os que chegaram de crianças, os que chegaram já adultos depois de formados em Cuba, e os que nasceram nos EUA filhos de pais cubanos. É difícil chegar a um consenso sobre esta identidade do cubano-americano, inclusive porque sabemos que as identidades, que nos permitem apresentar-nos ao outro, a outros grupos sociais (TRIFF, 2006), estão atravessadas por dimensões como gênero, raça, classe, idade etc. (WOODWARD, 2014). Não há uma identidade fixa, na pós-modernidade as identidades são dinâmicas, instáveis, e construídas e afirmadas pela linguagem. Em relação ao grupo étnico de que estamos falando, alguns falam espanhol cubano, outros falam inglês e outros falam uma mistura de cubano com inglês e é nestas línguas e misturas que representam o mundo e o entendem, representam quem são. Alguns autores denominam este repertório linguístico de *spanGLISH*; a ele dedicaremos a nossa atenção no próximo capítulo.

## CAPÍTULO 2. O SPANGLISH: ALGUNS APONTAMENTOS

### Meme 2 – ilustrando o Spanglish



Fonte<sup>7</sup>: *On Translation*

### 2.1 O Spanglish nos Estados Unidos

“*De la misma manera que no podemos hablar de un español de América como de un bloque unitario y sin fisuras, tampoco existe una norma homogénea de español estadounidense*”, afirma Torres Torres (2010, p. 404). Assim, o espanhol falado nos EUA está longe de ser uma língua homogênea, principalmente se pensamos nos grupos de hispanos imigrantes nesse país. A imigração de cubanos, e de vários hispanos para os Estados Unidos, deixou marcas não só culturais no país, como também linguísticas. Dados trazidos por Torres Torres, tomados do U.S. Census Bureau, a partir de 2010 os latinos representam mais de 10% da população dos Estados Unidos, o que “*supone que, por primera vez, los latinos han pasado a ser la principal minoría del país, por delante de los afroamericanos no hispánicos y a mucha distancia de los asiáticos*” (2010, p. 407); e isso sem contar os ilegais ou mesmo as cifras mais atuais.

<sup>7</sup> [https://www.google.com/search?q=el+spanglish&sxsrf=AJOqlzX1IS5w2m\\_ZyiOsjWBNYOfRe-c14w:1676822435213&tbm=isch&source=iu&ictx=1&vet=1&fir=T6si8JSCn31npM%252CJt-a2KjvuYKsaM%252C%252Fm%252F0182f4%253BvgrYVK2Qyr0AcM%252CKs8bLK\\_2zxZQAM%252C\\_%253BCIuGDKhMZkpBgM%252CCqTcmb7NW10yrM%252C\\_%253BVLSJVVAtrM8EM%252CfeZXTXo5jI\\_dHM%252C\\_%253BnLP6DFO8Lv8a\\_M%252CuitZg3YPnoYKIM%252C\\_%253Bi2YGODwMQq3y\\_M%252CX1YD7GyihK3aM%252C\\_&usg=AI4\\_-kThq5eELSOBwqLMrW9tuZyx3pCtA&sa=X&ved=2ahUKEwi2uOis-qH9AhW\\_OrkGHdt1BT4Q\\_B16BAhcEAE#imgcr=T6si8JSCn31npM](https://www.google.com/search?q=el+spanglish&sxsrf=AJOqlzX1IS5w2m_ZyiOsjWBNYOfRe-c14w:1676822435213&tbm=isch&source=iu&ictx=1&vet=1&fir=T6si8JSCn31npM%252CJt-a2KjvuYKsaM%252C%252Fm%252F0182f4%253BvgrYVK2Qyr0AcM%252CKs8bLK_2zxZQAM%252C_%253BCIuGDKhMZkpBgM%252CCqTcmb7NW10yrM%252C_%253BVLSJVVAtrM8EM%252CfeZXTXo5jI_dHM%252C_%253BnLP6DFO8Lv8a_M%252CuitZg3YPnoYKIM%252C_%253Bi2YGODwMQq3y_M%252CX1YD7GyihK3aM%252C_&usg=AI4_-kThq5eELSOBwqLMrW9tuZyx3pCtA&sa=X&ved=2ahUKEwi2uOis-qH9AhW_OrkGHdt1BT4Q_B16BAhcEAE#imgcr=T6si8JSCn31npM)

Entre os anos 2000 e 2010 o aumento da população hispana nos Estados Unidos foi significativo. Dumitrescu (2013) apresenta alguns dados interessantes sobre o crescimento dessa comunidade nos EUA:

**Tabela 1- Aumento de hispanos entre os anos 2000-2010**

<b>Grupos hispanounidenses</b>	<b>Población en 2000</b>	<b>Aumento porcentual (2000–2010)</b>	<b>Población en 2010</b>
Mexicanos	26 millones	54%	38,8 millones
Puertorriqueños	3,6 millones	36%	4,6 millones
Cubanos	1,2 millones	44%	1,8 millones
Otros orígenes	10 millones	22%	12,3 millones

Fonte: Dumitrescu (2013, p. 527)

Para falar do espanhol por essas terras, na visão do especialista citado, temos que pensar no espanhol dos EUA, o *espanhol patrimonial*, que ficou como resultado da colonização de territórios como Texas, Nuevo México e Luisiana. Mas há também um espanhol nos Estados Unidos: *un conjunto de variedades trasplantadas al país con los movimientos migratorios desde diversas regiones hispanoamericanas que han tenido lugar, grosso modo, desde la segunda mitad del siglo XIX hasta la actualidad* (TORRES TORRES, 2010, p. 404). Este espanhol, que entra em contato com o inglês, foi expandido a outros territórios estadunidenses e pode tomar a denominação de *spanGLISH*.

Desse contato entre as variedades do espanhol e o inglês surgem, conforme Torres Torres (2010, p. 411), as modalidades:

- espanhol méxico-estadunidense,
- espanhol cubano-estadunidense,
- espanhol porto-riquenho exterior
- espanhol centro-americano-estadunidense
- espanhol dominicano-estadunidense.

É difícil definir o *spanGLISH* de uma maneira só, principalmente devido à quantidade de especialistas que o estudam, mas não conseguem chegar um consenso em

se tratando da delimitação deste termo. No *Diccionari de lingüística on line*, Juarros-Daussa (2012) apresenta a seguinte definição:

*Spanglish es un término popular con el que se denomina a ciertas variedades del español no estándar hablado en Norteamérica (Estados Unidos y Canadá), en contextos en los que el español y el inglés están en contacto prolongado debido a la presencia de bilingüismo individual y grupal. Bajo esta etiqueta se engloba un conjunto heterogéneo de fenómenos lingüísticos propios de situaciones de contacto, que van desde el cambio de código conversacional a transferencias más o menos permanentes del inglés.*

A *Real Academia de la Lengua Española* (RAE) define o *spanglish* da seguinte maneira: “Modalidade de fala de alguns grupos hispanos dos Estados Unidos em que se misturam elementos léxicos e gramaticais do espanhol e do inglês” (DRAE, 2022). Todavia ainda não há algo totalmente sólido em se tratando do que é exatamente o *spanglish* ou em que premissa poderia se definir tal fenômeno. De acordo com Zamora (2008, p. 620), citado em Betti (2011, p. 41):

o termo *spanglish* começou a ser usado, com caráter não técnico, para designar qualquer tipo de mistura ou alternância entre o espanhol e o inglês pelos cada vez mais numerosos bilíngues falantes de espanhol nos Estados Unidos [...]. Nas duas décadas seguintes, generalizou-se o uso desse termo, sempre com a designação imprecisa de línguas misturadas ou alternadas.

Dessa forma, observa-se que o único padrão contínuo para o uso do *spanglish* é o do bilinguismo do imigrante hispano. E esse falante bilíngue, sabemos com Torres Torres (2010), situa-se num *continuum* difícil de delimitar que caminha entre o inglês e o espanhol.

Além do aumento populacional significativo, mostrado na tabela acima, que representa uma sociedade cada vez mais bilíngue dentro dos Estados Unidos, o uso do *spanglish* tem aumentado também. Segundo dados do Pew Hispanic Center (2009), citados em Dumitrescu (2013, p. 533-534), “mais de 2 em cada 10 jovens imigrantes (22%) usam esse estilo de comunicação híbrido - o *spanglish* - na maioria das vezes, enquanto 47% o usam ocasionalmente”.

Na situação de contato em que se dá o *spanglish*, a alternância de códigos e as transferências de uma língua a outra são muito comuns. No caso do primeiro fenômeno, Juarros-Daussa (2012), no *Diccionari de lingüística on line*, ilustra a alternância com o seguinte exemplo: *Once upon a time había una niña llamada Caperucita Roja*. Por causa do empréstimo lexical que é feito no uso do *spanglish*, alguns autores na hora de explicar

o que é essa mistura, usam o termo *code-switching* ou alternância de códigos. Peça chave no estudo do bilinguismo, o *code-switching* ou CS se trata da mistura feita por pessoas bilíngues ou políglotas que consiste no uso de duas ou mais línguas, na maioria das vezes sem alteração de interlocutor ou assunto (POPLACK, 2001).

Juarros-Daussa se detém também nos mecanismos interferências, empréstimos, decalques e transferências, estas últimas, observáveis em diversos níveis, como o fonético, o lexical, o morfossintático e o pragmático.

Com base em autores referência na área, Juarros-Daussa (2012) cita como **transferências fonológicas** casos em que ora se fusionam os sons, ora se ultra-distinguem. Um exemplo do primeiro, segundo a autora, é a pronúncia de /č/ e /š/, fonemas diferentes em inglês, porém, variações de som do mesmo fonema em espanhol: assim “*estos hablantes pronuncian las palabras chin (‘mentón’) y shin (‘pantorrilla’) igual, separándose de la variedad monolingüe, por influencia del español*” (ibid.). O exemplo apontado para ilustrar o segundo caso é a diferença forçada de /b/ e /v/ na pronúncia de palavras como *voto* (vote) e *bote* (boat), existente em inglês, mas inexistente em espanhol (ambas se pronunciarão igual, sem distinção entre /b/ e /v/. Dentre as transferências que afetam os âmbitos léxico e morfológico, citam-se no dicionário palavras em inglês incorporadas ao espanhol, ora sem modificações (como o uso de *meeting* ou *blueberry*), ora com modificações que buscam uma adaptação ao sistema do espanhol (*carpeta*, de *carpet* em inglês, que em espanhol seria *alfombra*). Há também transferências de locuções e expressões fixas que se dão via tradução mais ou menos literal (JUARROS-DAUSSA, 2012), são as **transferências sintáticas**, como em ¡*Que tengas un buen tiempo!*, com o sentido de ‘¡que te diviertas!’’, que em inglês seria *have a good time!*; mas há também **transferências** que afetam tanto a **sintaxe** quanto a **semântica**, por exemplo:

*la locución preposicional para atrás (o patras), que por contacto con el inglés extiende su significado locativo direccional a un significado que puede glosarse como de “en respuesta”: así, llamar p(ara) atrás significa ‘devolver la llamada’, calcado del inglés to call back.*

**Para mostrar a transferência pragmática**, a autora cita o uso de marcadores discursivos, como o marcador *so*, do inglês (então em português), no seguinte exemplo: *El domingo no trabajas, so ¿vas a descansar el domingo?*

Betti (2011, p. 39) esclarece que: “A troca de códigos - *code-switching* - é um fenômeno comum entre bilíngues (que podem ser mais ou menos equilibrados), e pode ocorrer em nível intra sentencial (dentro da mesma frase) ou intersentencial (entre uma frase e outra)”.

A própria autora, em outro estudo, conclui que “*El cambio de códigos (code-switching) y la mezcla de códigos (code-mixing) entre el inglés y el español - manifestaciones que diversos investigadores consideran típicas del spanglish- representan el modelo de la identidad mestiza de muchos latinos en los Estados Unidos*” (2009, p. 101).

Por causa do empréstimo lexical que é feito na hora do uso do *spanglish*, alguns autores na hora de explicar o que é essa mistura, usam o termo *code-switching*. Peça chave no estudo do bilinguismo, o *code-switching* ou CS se trata da mistura feita por pessoas bilíngues ou políglotas que consiste no uso de duas ou mais línguas, na maioria das vezes sem alteração de interlocutor ou assunto (POPLACK, 2001).

Observa-se assim que, mesmo não se tendo uma definição bem estabelecida, muitos autores defendem este fenômeno como uma língua híbrida. É como se os imigrantes usassem o *code-switching* no auxílio da adaptação do inglês, assim misturando as línguas como tentativa de se comunicar ou até de sobreviver, entretanto há casos nos quais o único uso do *spanglish* é de propósito expressivo e existencialista do povo hispano (VINUESA *apud* SAVEDRA et al, 2019, p.131).

Mediante o exposto, tem-se então a noção de que a população bilíngue tem sido motivo de estudos recentes, visto que em 2019 os autores Savedra et al contribuíram para a pesquisa na área.

O autor Otheguy, já conhecido por sua opinião impopular em relação ao termo, e sua correspondente Stern argumentam sobre o *spanglish* que é:

um termo enganoso que semeia confusão sobre a língua espanhola e seus falantes. O termo é infeliz por pelo menos quatro razões. Em primeiro lugar, oculta o fato de que os atributos que caracterizam as formas populares do espanhol nos Estados Unidos são, em sua maioria, paralelos aos das formas populares da língua na América Latina e na Espanha; em segundo lugar, o termo sugere incorretamente que o espanhol popular nos Estados Unidos tem um caráter excepcionalmente híbrido; terceiro, implica incorretamente que o espanhol nos EUA é caracterizado centralmente pela mistura estrutural com o inglês; e quarto, separa desnecessariamente os falantes de espanhol nos EUA daqueles que vivem em outros lugares. O termo expressa uma ideologia de excepcionalismo que priva a comunidade latina norte-americana de um de seus maiores recursos: o domínio de uma língua mundial cujo potencial de contribuição tanto para os indivíduos quanto para a comunidade é inegável. Os falantes de variedades populares de espanhol nos EUA seriam mais bem

servidos em seus esforços para aprender variedades formais de espanhol, bem como de inglês, reconhecendo que já são falantes de espanhol. (OTHEGUY; STERN, 2011, p.85-86)

Em vista disso, percebe-se que não há só ressalvas positivas sobre o *spanglish*. Entretanto, não nos interessa neste trabalho nos aprofundar nesse assunto, pelo contrário, nos identificamos com a noção *spanglish* e assim a usamos aqui. Sabe-se, com Betti (2011), que o uso do termo também é uma maneira mais prática que os imigrantes encontraram de se comunicar em um país que não é deles de origem. Entretanto, não podemos esquecer que os próprios falantes, tanto do inglês quanto do espanhol quanto de alguma modalidade de *spanglish* têm determinadas visões sobre essa língua, variedade ou modalidade de encontro entre o espanhol e o inglês. Isto pertence ao campo das atitudes e representações linguísticas, ou seja, a como vemos a língua, que juízo de valor fazemos e como nos comportamos em relação a ela e aos que a falam. Apesar de muito julgamentos negativos por parte de puristas e conservadores, concordamos com Betti quando afirma que

*El spanglish, por lo tanto, no se puede considerar un lenguaje deficiente, marginal, de gentes pobres, utilizado por quienes no dominan el inglés, el español, o ambos, sin un tercer código, a menudo empleado también por escritores latinos y que presupone un alto grado de competencia bilingüe.* (2009, p. 111)

Dito isto, é importante observar que embora o *spanglish* seja um termo abrangente, é legítimo afunilar um pouco mais suas pesquisas quando tratamos da comunidade cubana nos Estados Unidos. Apesar de sua vasta significância quando referida como mistura de inglês e espanhol que se dá em diferentes situações, é viável que se possa adicionar com mais riquezas outros detalhes importantes para que esse *spanglish* faça parte da comunidade cubana.

## **2.2 Os cubanos e o *spanglish***

É possível enxergar que a língua espanhola e a língua inglesa faziam parte direta e indiretamente da vida dos cubanos imigrantes, isso porque obrigatoriamente era necessário que esses imigrantes falassem a língua inglesa, como já sabemos. A questão principal é que essa adaptação para o inglês foi dada de formas diversas, principalmente em se tratando dos conhecimentos que cada cubano tinha quando chegou aos EUA.

O autor Torres Torres (2010) dedicou uma sessão inteira apenas à população de origem cubana e suas relações com a língua. Além de o autor apresentar um panorama da

historicidade da imigração, que é um dado importante para se ter noção de como o *spanglish* veio a se instaurar na comunidade cubano americana, ele oferece dados de quantos monolíngues e quantos bilíngues vieram a ser registrados em 2006, no condado de Miami-Dade, contendo cerca de 767.349 cubanos nesse censo. No grupo de 2006 em questão, poucos foram registrados como monolíngues, seja no inglês ou no espanhol enquanto o número de bilíngues foi extremamente grande, o autor argumenta que esses têm preferência em fazer o manejo das duas línguas (TORRES TORRES, 2010).

Sobremaneira, é claro que a aprendizagem de um novo idioma para pessoas estrangeiras, mesmo que inseridas em um país monolíngue seria uma aprendizagem diferente de quem tem essa língua como materna, o que é o caso dos cubanos com a língua inglesa. Os cubanos já tinham uma forma foneticamente específica em falar o próprio espanhol, que diga se de passagem, é uma língua falada como L1 em 20 países (MUSULIN, 2016).

Torres Torres explica de uma forma exemplificada as características desse espanhol cubano:

Como es de esperar, se mantienen los rasgos característicos del español de Cuba, tanto en el ámbito fónico (fenómenos caribeños como el debilitamiento de las consonantes en posición intervocálica e implosiva, con mayor intensidad aquí de la asimilación de consonantes implosivas a la siguiente: *catta* ‘carta’; nasalización de vocal trabada por consonante nasal; paso de *-r* a *-l*: *cuelpo* ‘cuerpo’), como en el gramatical (sujeto antepuesto al verbo en las oraciones interrogativas: ¿*Qué tú dices?*; sujeto especificado en oraciones de infinitivo: *Dime qué hago para yo parecerte atractivo*; sufixo *-ico*) y en el léxico (*asere* ‘amigo; socio’, *achantado* ‘perezoso’, *espejuelos* ‘gafas’, *guajiro* ‘campesino’, *fruta bomba* ‘papaya’, *jimaguas* ‘gemelos’, *fortuto* ‘bocina del automóvil’, *arroz con mango* ‘confusión’; los afronegrismos generales *bemba* ‘labios’, *bongó*, *mambo*, *cachimba*). (TORRES TORRES, 2010, p.416-417)

Com base nessas informações, podemos observar que o *spanglish* também teria particularidades em se tratando da comunidade cubana, é o que Torres Torres (2010) consegue descrever com maestria quando explica que esse *spanglish* é feito por meio de empréstimos, ou seja eles pegam várias palavras e termos da língua inglesa e misturam com a língua espanhola, exemplos: *down town*, *hot dog*, *potato chips*, *subway* dentre outros que se baseiam em calques, que forma palavras para criar novos termos estrangeiros, como no caso de: *consumerismo* < *consumerism*, ‘*consumismo*’ e *plomero*

< *plumber*, '*fontanero*'; em alguns casos eles podem ter até um segundo significado ou até fazer com que a tradução literal equivalha a um elemento fraseológico (TORRES TORRES 2010).

Conclui-se que de forma única, o *spanglish* toma forma e regras diferentes dependendo de cada comunidade e da forma que essa comunidade o desenvolve, conseguimos visualizar que além da dificuldade de definir o fenômeno como algo uniforme, é possível enxergar a beleza da diversidade que pode haver em cada comunidade hispana que reproduz o *spanglish*.

### **2.3 o *Spanglish* na construção identitária das comunidades hispanas**

Apesar de todo o estudo linguístico ainda em progresso no que se trata do *spanglish*, saliente-se ainda que essa mescla de idiomas também é extremamente relacionada à cultura dos países hispanos juntamente com os Estados Unidos. Já que o *spanglish* é majoritariamente associado às vivências dos imigrantes latinos, e abrange não só a vida desses hispanos, como também dos estadunidenses (BETTI, 2011). Visto que não há como separar língua e cultura na definição do fenômeno, chega-se então à questão identitária deste termo. Como conclui (p. 109): “Seu uso está associado, portanto, a uma afirmação de “pertencimento” a dois “povos” distintos, que acabam sendo entrelaçados” (grifos da autora).

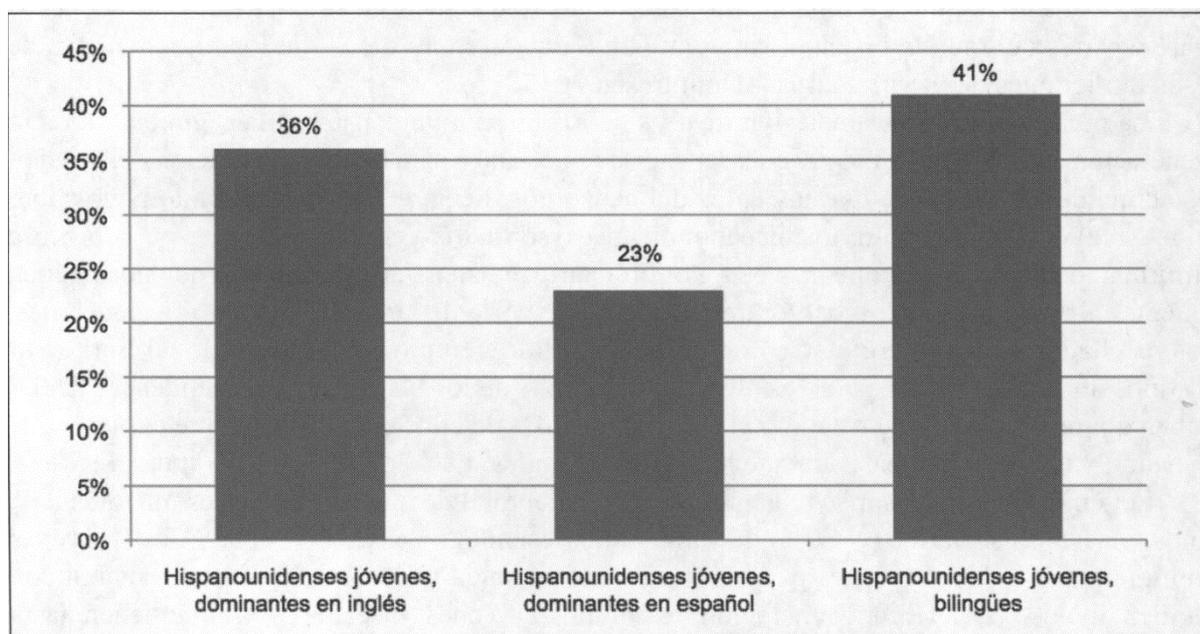
De acordo com Zentella (2009) citado em Betti (2015, p.9): “O *Spanglish* também é uma indicação e símbolo da construção da nova identidade, bem como uma forma de habilidade linguística. É um termo que capta as experiências de vida, conflitos e opressões vividas (e sofridas) por latinos nos Estados Unidos”. Isso acontece porque, devido ao grande número de imigrantes hispanos, que são bilíngues, originários de várias culturas diferentes, que pertencem a variadas classes sociais, e que veem o mundo de forma divergente, o fator que eles têm em comum, é o de serem imigrantes no mesmo país; ademais, o *spanglish* os conecta (STAVANS *apud* BETTI, 2015). Mediante o exposto, entende-se que muito mais do que uma mistura de idiomas, a representatividade hispana é retratada através do fenômeno em questão.

Segundo Hernández-Chávez et al (1975), a origem do *spanglish* é marcada por esse ato de resistência dos hispanos que recém-chegados de seus países se depararam com a vida nos Estados Unidos:

De repente, os hispânicos que viviam naqueles territórios viram-se numa situação muito peculiar: tornaram-se estrangeiros na sua própria terra. O inglês foi imposto a eles como língua oficial e eles foram proibidos de falar sua língua nativa, o espanhol. Muitos desses hispânicos queriam fazer parte do novo sistema, mas ao mesmo tempo queriam manter sua identidade. Como resultado, as gerações subsequentes de mexicanos-americanos começaram a usar palavras em inglês, mas com a pronúncia ou fonética do espanhol. E assim, o contato entre essas duas línguas favoreceu o fenômeno popularmente chamado de *Spanish* (HERNÁNDEZ-CHÁVEZ et al, 1975 *apud* BETTI 2011, p.35).

Atribui-se aos Estados Unidos uma certa carga negativa no que se trata de diversidade linguística e cultural, com certa razão, já que o posicionamento estadunidense mediante a seus imigrantes hispanos foi de alta conservação da língua inglesa. É possível observar o governo estadunidense tentava se proteger dessa maneira por causa do número de bilíngues no país como um fator crescente, principalmente em se tratando das novas gerações. É o que se analisa no gráfico de Dumitrescu (2013):

**Gráfico 3 - Habilidades linguísticas dos jovens falantes de espanhol - 2009**



Fonte: Dumitrescu (2013, p. 532)

Observa-se que, apesar do decréscimo no número de jovens que têm fluência em espanhol - por já serem de outras gerações de imigrantes- o número de bilíngues é de 41%. Ademais considera-se que esses dados são de saldo positivo considerando que os

hispanos na maioria das vezes são coagidos a usar somente a língua inglesa pois são marginalizados quando fazem o uso da língua espanhola (LIMA, 2013).

Betti (2009) argumenta em Lima (2013, p. 484) que o *spanglish* é uma forma dos hispanos perceberem sua situação intermediária, em que não são mais completamente hispanos, mas também não são totalmente norte-americanos. Essa explicação esclarece o porquê de o fenômeno estar cada vez mais crescente na vida desses imigrantes, uma vez que a língua é uma das ferramentas nas quais a identidade cultural é expressada e construída (LIMA, 2013)

Sabe-se também que os hispanos que habitam em terras estadunidenses e têm como língua oficial o inglês, esses dispõem de desafios diários, como nos informa Lima (2013):

com o passar dos anos, os grupos hispanos nos EUA começaram a se “adaptar” e a se “adequar” às novas circunstâncias sociocomunicativas. Muitos resolveram se “anglicizar” enquanto uma considerável parcela decidiu lutar por seus direitos e por expressar sua “verdadeira” identidade. (LIMA, 2013, p. 487, destaque do original)

Não menos importante que essa consideração, entretanto, é entender que cada um como imigrante tem uma experiência única, não há como generalizar as vivências dos hispanos, sem trazer um panorama geral sobre como o fenômeno tem se constituído durante os anos. Diante disso, vale considerar que o *spanglish* tem um papel muito importante no que se trata da constituição identitária das comunidades hispanas. Além do mais, considera-se de suma importância que mesmo sendo imigrantes, eles ainda possam ser representados e poderem se expressar. Espera-se, portanto, que diante das estatísticas o fenômeno tenha ainda mais crescimento nos Estados Unidos.

## **2.4 Conhecendo o Espanhol como Língua de Herança**

O Espanhol é a segunda língua mais falada dos Estados Unidos: segundo o Census Bureau (2019) estima-se que 41.727,391 milhões de pessoas são falantes da língua espanhola. Compreender a grandeza da língua espanhola no cenário norte-americano em questão é muito importante para entender o conceito da Língua de Herança. É necessário portanto ter o contexto da historicidade por trás disso. Para isso recorreremos a Castañeda (2007):

A constituição do estado da Califórnia de 1849 [...], estipulava que “Todas as leis, decretos, regulamentos e provisões que por sua natureza requerem publicação, serão publicadas em inglês e espanhol.” (Artigo IX, seção 21). No entanto, trinta anos mais tarde, quando a Califórnia reescreveu sua constituição estadual em 1879, foi passada a lei de “somente inglês” que exigia que as escolas públicas ensinassem somente em inglês e se eliminassem os direitos da língua espanhola. Em 1918 – durante a era da xenofobia da Segunda Guerra Mundial, e de medos sobre a lealdade dos que não falavam inglês – o Texas, e a maioria dos outros estados americanos promulgaram estatutos que fizeram que o simples falar de qualquer outra língua além do inglês nas escolas públicas fosse ilegal. As leis de “somente inglês” foram a pedra base para as “escolas de americanização” e programas em instituições educacionais e outras instituições também. (CASTAÑEDA, 2007, p. 1-2)

Assim já se observa desde o século XIX os obstáculos que os hispano falantes sempre passaram como imigrantes. Ademais, desde o ensino infantil, falar em espanhol era considerado ofensa para os educadores americanos, implicando até em punições para as crianças que o praticassem; diante dos fatos estabelecidos e após quase 100 anos desde que a língua espanhola sofreu o seu primeiro veto pelo governo, pesquisadores começam um novo campo interdisciplinar chamado “Espanhol como Língua de Herança” (CASTAÑEDA, 2007).

A “Língua de Herança” é um termo instintivo, que significa uma língua herdada. Souto et al (2014, p.895) classificam-na da seguinte maneira: “a Língua de Herança é uma especialidade da língua estrangeira e se caracteriza como um contexto em que a língua utilizada pelo indivíduo e a cultura que lhes são ensinadas não são próprias do local onde ele reside.” Ou seja, no caso dos cubanos, por exemplo, a língua de herança passaria a acontecer a partir da segunda geração de imigrantes, em que os filhos, já inseridos na comunidade e educação estadunidense, estariam imersos na língua inglesa a partir do primeiro contato.

Essa língua tem como o propósito e aspiração conservar a língua e cultura nacionais de pais imigrantes (SOUTO et al, 2017). Visto isso, percebe-se um desejo de valorização das origens e identidade desses imigrantes que, mesmo morando em outros países, dignificam suas raízes e as passam para as próximas gerações, mesmo com obstáculos claros nessa trajetória. Neste contexto, fica claro entender o porquê do índice de números de bilíngues nos Estados Unidos ser alto, o que nos resta é entender como de fato, a Língua de Herança funciona na prática.

Além do termo Língua de Herança (LH), na mesma área de estudo, tem-se o que é chamado de Falante de Herança (FH), sua caracterização se dá pelo fato de pertencerem à segunda ou terceira geração de imigrantes em um país; a partir disso, a Língua de Herança é falada geralmente em casa, e em família (FLORES; MELO-PFEIFER, 2014).

A melhor maneira de compreender esse processo é considerar que o FH tem seu primeiro contato com a língua dos pais imigrantes e geralmente aprende a falar primeiro na LH.

De acordo com Flores e Melo-Pfeifer (2014, p. 18-19), o processo do Falante de Herança funciona assim:

Em geral, esta é a primeira língua à qual a criança é exposta. Se esta observação é óbvia no caso das famílias que já tinham filhos pequenos quando emigraram, também é válida no caso de muitas crianças emigrantes que nos primeiros anos de vida ficam em casa com a mãe, o pai ou os avós, não frequentando creches ou infantários. Isto significa que, nestes casos, a LH da criança é a sua Língua Primeira (L1); o contexto de aquisição nos primeiros dois ou três anos de vida não se afasta muito do contexto de aquisição de crianças que crescem no país de origem.

No entanto, as autoras atentam para o que se sucede após esses primeiros anos, que é o momento no qual as crianças entram em contato com o mundo exterior e a língua majoritária, ou seja, a que é a oficial do país, começa a predominar. É neste momento que essa língua se torna a mais influente na vida da criança, que por sua vez, começa a preferir para se comunicar com o mundo ao redor (FLORES; MELO-PFEIFER, 2014). Essa ocorrência é sinal de que há, enfim a bilinguagem nessa criança, que se comunica com os pais em um idioma e com o mundo exterior de outra.

Há, entretanto, além da língua em si, o aspecto identitário no que se trata da LH, que de certa forma anda junto com a língua mas também merece destaque. Ramos e Busse (2021, p.113) observam que “nossa(s) identidade(s) é(são) construída(s) e reconstruída(s), e a essa (re)construção se somam todas as histórias, os contatos linguístico-culturais e os contextos nos quais interagimos”. É de suma importância ter ao menos um vislumbre do quão complexa e profunda pode ser a experiência de uma pessoa imigrante, que vivencia a linha tênue entre uma língua e outra, uma cultura e outra e um espaço e outro:

O contato com culturas diferentes, a percepção de um ambiente composto de tons, de línguas, de tradições diferentes, e o sentimento de confraternidade constituem as identidades do falante de herança. A língua de herança é, assim, pensada como um dos traços da identidade e da cultura do falante, “algo que permite pertencer a um grupo de ‘nós’, aqueles que se identificam com ela e realizam certas práticas culturais”. (MORONI *apud* RAMOS; BUSSE, 2021 p. 113)

É possível então enxergar que, em várias nuances, a língua está intrinsecamente ligada aos valores, identidade e essência de cada indivíduo imigrante. Entendendo assim que seu próprio idioma faz parte de sua existência como pessoa, não podendo assim ser

retirada por um Estado, conclui-se então, que mais do que apenas uma questão linguística, a LH está ligada às raízes, à história, à memória e aos afetos do povo imigrante.

## CAPÍTULO 3. EXPLICITANDO A PESQUISA REALIZADA

### 3.1 A natureza e o tipo de pesquisa

Tendo em conta os objetivos de observar e descrever como e com que frequência o *spanglish* aparece na série e também investigar as questões e conceitos linguísticos de como o *spanglish* existe também para a construção identitária do povo hispano, e mais especificamente na comunidade cubano-americana aqui propostos, optamos por desenvolver uma pesquisa situada no paradigma qualitativo, que, segundo Denzin e Lincoln (2006, p. 17), “consiste em um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo”. Ao observarmos e localizarmos a materialização do *spanglish* na série *One Day at a Time*, quisemos observar a rede intrincada que se estabelece entre a língua, a identidade e contexto sociohistórico do grupo social cubano-americano residente nos EUA em alguns capítulos da série mencionada. Isso reforça o desenho metodológico desta pesquisa, pois a abordagem qualitativa é interpretativa, “o que significa que seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender, ou interpretar, os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem” (*ibid.*, p. 17).

Além de optarmos por uma pesquisa interpretativa, consideramos relevante desenvolvermos uma pesquisa que conjugasse várias fontes de dados: a bibliografia produzida sobre um determinado assunto, desde várias áreas de conhecimento, e materiais passíveis de pesquisa, mas que não foram criados para esse fim; daí que possamos falar da junção de pesquisa bibliográfica - presente em toda pesquisa - e documental como o caminho aqui seguido.

A pesquisa documental trabalha com dados considerados documentos, “como livros, jornais, papéis oficiais, registros estatísticos, fotos, discos, filmes e vídeos, que são obtidos de maneira indireta” (GIL, 2008, p. 17). Os documentos que aqui nos interessam são aqueles da comunicação de massa, especificamente capítulos de uma série de *streaming*, uma via para o consumo e circulação de bens culturais muito explorado na sociedade atualmente. Segundo Gil (2008, p. 151), este tipo de documentos é uma fonte relevante de dados para determinadas pesquisas, pois “[p]ossibilitam ao pesquisador conhecer os mais variados aspectos da sociedade atual e também lidar com o passado histórico. Neste último caso, com eficiência provavelmente maior que a obtida com a utilização de qualquer outra fonte de dados” e no caso do presente estudo, permite

“esclarecer aspectos da vida cultural de determinado grupo” (*ibid.*, p. 152), isto é, os cubano-americanos, personagens da série em análise.

### 3.2 O corpus

*One Day at a Time* (2017-2020) foi produzida por 3 temporadas pelo serviço de *streaming* Netflix. Em 2019, ao ser cancelada, foi adquirida pela *PopTV*, canal americano pago de televisão pertencente ao grupo *Paramount Global*, que produziu mais uma temporada e cancelou a série em 2020. A série retrata a história da família cubano-americana Alvarez, uma família de classe média, que vive de aluguel e tem como provedora principal uma enfermeira, interpretada por Penélope.

A escolha da série se deu pela constatação da presença da transculturalidade e do fenômeno *spanglish*, objeto desta pesquisa. Consideramos também, para a escolha, o fato de a série abordar de uma forma humorística e leve temáticas densas, o que permite que o telespectador possa conhecer, sem muito esforço, aspectos sóciohistóricos e culturais relevantes dos grupos sociais nela representados e seus conflitos.

Assim, decidimos constituir nosso corpus por três episódios da primeira temporada da série, são eles: *This is it*, *Strays* e *Viva Cuba*. O episódio 1, intitulado *This is it*, apresenta a série e traz questões tradicionais cubanas, como por exemplo: os *quinces* ou *quinceañera*, que é uma festa característica cubana para marcar os quinze anos de uma menina que ali estaria passando para a fase de mulher. O episódio gira em torno de convencer Elena, que é a neta da família, a fazer a *quinceañera*, ao passo que ela se nega a participar por alegar ser uma festa sexista. O conflito é imposto quando Lydia, a matriarca cubana da família, considera desonroso com as raízes cubanas o fato de Elena não querer realizar a própria festa. Além disso, o episódio expõe o desafio linguístico no qual percebemos a desavença de Elena, que não entende a avó quando ela fala em espanhol, enquanto o outro neto se comunica fluentemente, trazendo assim um caso de falante de espanhol como língua de herança. O episódio 5, *Strays*, aborda as problemáticas migratória que existem nos Estados Unidos; o episódio traz um caso de deportação de mexicanos ilegais no país e introduz que Lydia foi uma criança do projeto *Peter Pan*. Finalmente, o episódio 9, intitulado *Viva Cuba*, traz mais profundamente a visão de Lydia como uma criança *Peter Pan* e toda a trajetória que ela e as irmãs passaram para serem imigrantes nos Estados Unidos. O episódio mostra um lado mais sensível da imigrante que deixou país e irmã mais velha para partir para os EUA.

A série *One Day at a Time* apresenta a história da família Alvarez. Penélope (Justina Machado), que é da segunda geração cubano-americana, é recém divorciada e veterana de enfermagem do Exército dos Estados Unidos; é mãe de Elena (Isabella Gomez) e de Alex (Marcel Ruiz), e conta com a ajuda da mãe, Lydia (Rita Moreno), para ajudar a criar seus filhos. Lydia, uma refugiada do programa Peter Pan, é talvez a personagem que mais contribui para os estudos linguísticos da série, visto que ela é a única personagem que tem um sotaque hispano característico nas suas falas. Apesar de ser fluente no inglês, ela é a que mais mistura as duas línguas e é perto dela que os personagens mais falam em espanhol e *spanglish*.

A série é um sitcom (*situation comedy*) que se caracteriza por um show com plateia e risadas de fundo. *One Day at a Time* é uma releitura da série original, que tem o mesmo título e foi televisada em 1975-1984. O show foi produzido por Gloria Calderon Kellett, produtora e escritora americana; Mike Royce, roteirista e produtor de televisão americano; Norman Lear, roteirista e produtor americano; e foi filmado em Los Angeles, Califórnia.

Vale ressaltar que, apesar do enredo conectado com a imigração cubana, a série apresenta situações cotidianas que dizem respeito à vida estadunidense e nela prevalece uma opção politicamente ideológica favorável aos EUA

A escolha dos três episódios que compõem o corpus se deu com base no interesse em analisar o *spanglish* e as situações nas quais ele acontece; isto envolve também a investigação dessa falas para saber se elas são estereotipadas ou não, e se não usadas de uma única maneira ou não. Outro fator para a escolha dos episódios foi o quanto eles mostram uma forma de resistência identitária do grupo cubano-americano na série; os episódios em questão dedicam mais espaço a explorar conflito resultantes que a família se encontra no entrelugar e lugar do migrante.

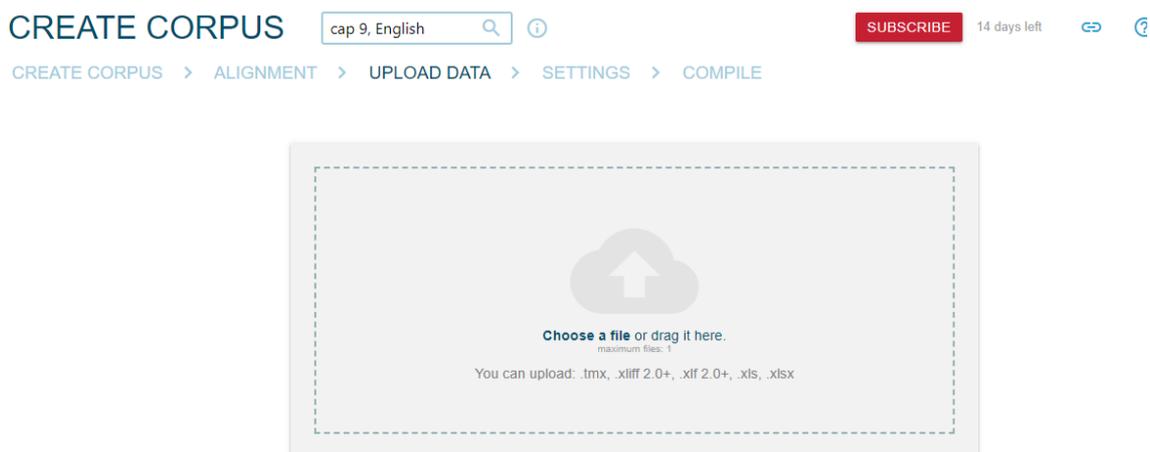
### **3.3 Metodologia de análise do corpus**

A análise do corpus foi possível por ser uma seleção de textos homogêneos- as legendas- e teve como objetivo observar o uso do *spanglish*. A ferramenta usada na análise é o *website Sketch Engine*. Fundado em 2003, o *site* é um serviço pago que tem como função gerenciar corpus e análises de textos. Seu objetivo principal é dar recursos suficientes para que estudiosos em linguística possam fazer análises com facilidade.

O tratamento do corpus foi feito a partir da aquisição das três legendas dos três episódios, essas legendas precisaram passar por um processo de conversão de arquivo, de

*.srt* (*SubRib Subtitle*) para *.tmx* (*Translation Memory Exchange*) através do site *TranscribeFiles*; isto porque o site *Sketch Engine*, como é possível analisar na captura de tela abaixo, não permite criar um corpus multimídia com arquivos *.srt*.

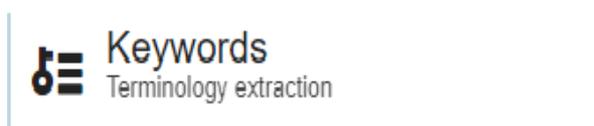
**Figura 2 – Produção de corpus no *Sketch Engine***



Fonte: Sketch Engine

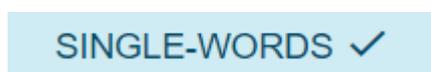
Logo foram feitas três análises individuais, elas passaram por dois processos: na página inicial ou *dashboard* existiam 9 opções para a configuração do corpus, e com o objetivo de analisar a frequência das palavras, foi escolhida a configuração *Keywords*, e em seguida, a análise de palavras e termos da legenda em questão. Foi usada a ferramenta *Keywords>Single-Words* para a análise de palavras individuais e *Keywords>Multi-Word Terms* para visualizar expressões com duas ou mais palavras.

**Figura 3 - Funcionalidade *Keywords***



Fonte: Sketch Engine

**Figura 4 - Funcionalidade *Single-Words***



Fonte: Sketch Engine

**Figura 5 - Funcionalidade *Multi-Terms***

Fonte: Sketch Engine

Através desses processos, foram realizadas as análises necessárias para a pesquisa, o *site Sketch Engine* facilita o uso e processo de coleta e análise de dados, sendo a sua utilização bastante instintiva. Numa segunda fase analisamos de maneira separada cada capítulo, relacionando a presença do *spanglish* ao contexto, imediato e sociohistórico, desenhado nos capítulos do corpus.

## CAPÍTULO 4. ANÁLISE DOS EPISÓDIOS

Este capítulo tem como objetivo apresentar a análise dos três episódios da série *One Day at a Time* (NETFLIX, 2017) que compõem o corpus. Segundo o Omelete<sup>8</sup>, website brasileiro de entretenimento que busca cobrir assuntos que envolvem a cultura *pop*, filmes, cinema e séries de TV, a série *One Day at a Time* tinha uma certa leveza para tratar de temas sensíveis, como é o caso das questões imigratórias e identitárias e o feminismo.

Apesar de retratar temas sensíveis com facilidade, a série traz consigo um discurso forte dos Estados Unidos como pátria salvadora. É observável a tendência ideológica que pende para um teor propagandista em favor dos EUA e mais parcial com relação à Cuba.

Especificamente mostramos as ocorrências de *spanglish*, mapeamos as expressões em que aparece, como se constroem durante os episódios e em que circunstâncias são usadas. É importante salientar que não há presença de legendas quando as falas são inteiramente em língua espanhola como é indicado a seguir:

**Figura 6 - Print de tela da série *One Day at a Time***



Fonte: Netflix

### 4.1 Episódio 1: *This is it*

<sup>8</sup> Disponível em: <https://www.omelete.com.br/netflix/one-day-at-a-time-discute-temas-sensiveis>

O episódio piloto consiste em apresentar a família Alvarez, Lydia é uma cubano-americana que chegou via operação *Peter Pan*, é dona de casa e divide o espaço com sua filha Penelope, e os netos, Elena e Alex. Penelope, a filha de Lydia, recém separada e veterana militar de enfermagem, trabalha como enfermeira para o Dr. Berkowitz, recém-chegada de uma missão no Afeganistão, e é provedora da casa. Os netos Elena que é uma adolescente feminista e militante e Alex que é o mais novo da família. Ao todo se totalizam três gerações convivendo na mesma casa.

A primeira problemática da série gira em torno de Elena, filha mais velha de Penelope, que não quer fazer a tradicional festa cubana de 15 anos, *quinceañera*, pois ela acha que a festa é um “ritual cultural misógino”, ela entra em conflito com a avó Lydia, que por sua vez insiste em que a neta tenha a festa. Lydia demonstra se importar bastante com a cultura de origem e as tradições cubanas e se mostra muito orgulhosa de suas raízes. O enredo mostra um debate invertido no qual Elena faz o papel da mãe e Penelope o papel de Elena para que assim houvesse alguma decisão final para realizar os *quinces*, ao que Penelope ganha o debate, garantindo com que Elena tenha que participar do próprio aniversário. Outro fator importante do episódio é Penelope estar se acostumando a não ter mais o marido e pai das crianças Victor, por perto em razão de uma recente separação dos dois. É mostrado um lado mais triste da situação quando Penelope se vê precisando tomar antidepressivos para aguentar a novidade de ser mãe solteira e o trauma pós missão no Afeganistão. Elena por sua vez ainda se mostra inconformada por ter que fazer os *quinces* quando sua mãe explica que para ela seria um grande êxito mostrar para todos que ela estava fazendo um bom trabalho sendo mãe solteira, o que dá a Elena um motivo justificável para fazer a festa, já que por ser feminista, ela gostaria de ver a sua própria mãe sendo bem vista por estar conseguindo cuidar da família sozinha.

Existem aspectos importantes a se observar neste episódio, um deles é o sotaque da avó, Lydia, que é bem característico e foneticamente diferente dos outros integrantes da família. Identifica-se também que no decorrer do episódio Elena demonstra a falta de conhecimento que ela tem na língua espanhola quando sua avó começa a falar em *spanGLISH* e espanhol com ela; enquanto Alex, o neto mais novo de Lydia, consegue desenvolver um espanhol fluente, ou seja, estamos diante de um caso de Falante de Herança (FLORES; MELO-PFEIFER, 2014), considerando o fato de que como a matriarca da família, a avó Lydia, e seu neto, que faz parte da terceira geração, conseguem se comunicar perfeitamente.

Majoritariamente os personagens conversam em inglês e o *spanglish* acontece no meio dessas falas como por exemplo: “*Papito, let’s go*”; “*She has to have a quinces*”; “*She made ropa vieja*”; “*So, there is some ropa vieja in the mantequilla thing*”, em sua maioria os usos do *spanglish* se dão por transferências léxicas ou quando eles estão se referindo às pessoas da família em espanhol. Identificamos que Lydia também comete alguns erros gramaticais quando fala em inglês, quando é confrontada por Elena que diz que aprenderia mais espanhol quando ela aprendesse inglês Lydia responde “*I know the english*” sendo a colocação do “*the*” errônea pois não é necessária a adição desse artigo definido na frase.

No episódio são observáveis vários estereótipos: Lydia alega que, os cubanos falam alto, os cubanos não tomam remédios pois aguentam as dores e os cubanos não se divorciam. Esse imaginário sobre os cubanos não necessariamente coincide com a realidade, pois sabemos que o estereótipo se define como “*Ideia, conceito ou modelo que se estabelece como padrão*” (PRIBERAM, 2023), embora muitas imagens partam do real, ao serem generalizadas mostram não uma verdade, mas um imaginário. Amossy e Pierrot resgatam o termo estereótipo da obra de Lippman. Para as autoras, esta noção designa “*a las imágenes de nuestra mente que mediatizan nuestra relación con lo real. Se trata de representaciones cristalizadas, esquemas culturales preexistentes, a través de los cuales cada uno filtra la realidad del entorno*” (2010, p. 31-32). Mas essas representações cristalizadas, sedimentadas numa dada comunidade, são compartilhadas pelos falantes e acabam sendo aceitas como verdades.

Ao aplicar a ferramenta tal, vimos que as palavras mais usadas no episódio são da língua espanhola, como se pode ver na imagem a seguir:

**Figura 7 - Palavras mais usadas do episódio 1**

reference corpus: English Web 2020 (enTenTen20) (Items: 778)

Lemma	Lemma	Lemma	Lemma	Lemma
1 quince ...	11 mustache ...	21 okay ...	31 messin ...	41 deejay ...
2 mami ...	12 badass ...	22 mantequilla ...	32 landlord-tenant ...	42 scoff ...
3 abuelita ...	13 anti-depressant ...	23 papito ...	33 oye ...	43 hola ...
4 papi ...	14 misogynist ...	24 mio ...	34 schneider ...	44 dios ...
5 sneakers ...	15 ay ...	25 abuelo ...	35 consuelo ...	45 twelve-year-old ...
6 vieja ...	16 penelope ...	26 lincoln-douglas ...	36 mmm ...	46 takin ...
7 elena ...	17 chuckle ...	27 non-latino ...	37 cookin ...	47 ooh ...
8 quinceañera ...	18 lady-juggling ...	28 kick-back ...	38 lupita ...	48 shh ...
9 ropa ...	19 winehouser ...	29 abuela ...	39 señora ...	49 feelin ...
10 berkowitz ...	20 sinvergüenza ...	30 poofy ...	40 gender-specific ...	50 wanna ...

Fonte: Sketch Engine

Temos aqui a presença do *spanglish*, especificamente na modalidade cubano-estadunidense, visível na entrada de termos do espanhol cubano na sequência em inglês; seria um exemplo de transferência léxica. Na figura 3 podemos ver palavras como *quince* em primeiro lugar, *mami*, *abuelita*, *papi*, que se referem às relações de parentesco, à família, e que, pelo uso do diminutivo, revela um grau alto de afetividade.

Observa-se seus usos no episódio através das legendas 1, 2 e 3:

### Legenda 1

**Your daughter does not want  
to have a *quinces*.**

Fonte: Netflix

### Legenda 2

**I know, *Mami*. I let her do math, too.  
I'm a monster.**

Fonte: Netflix

### Legenda 3

**You need to do something  
about this little *sinvergüenza*.**

Fonte: Netflix

Como indicado acima, no diálogo entre Lydia e Penelope, há uma discussão sobre Elena não querer ter a tradicional festa de 15 anos cubana, o *spanglish* aqui é usado como uma forma de a avó da família expressar em sua própria língua a frustração em ter suas tradições ignoradas pela neta.

**Figura 8 – Transferências léxicas mais usadas do episódio 1**

Term	Term	Term	Term
1 pair of sneakers ...	14 quinces tiara ...	27 amy winehouser ...	40 pipes groan ...
2 sneakers for school ...	15 sad meat ...	28 taming lion ...	41 basic health question ...
3 badass soldier ...	16 little sinvergüenza ...	29 silent cuban ...	42 sober chip ...
4 ropa vieja ...	17 camouflage look ...	30 history of quinceañeras ...	43 talk quince ...
5 man of the house ...	18 mom cookin ...	31 debate team today ...	44 full handlebar ...
6 family dinner ...	19 mom pull ...	32 ropa vieja in the mantequilla ...	45 amazing single mom ...
7 single mom ...	20 opportunity in this land ...	33 jesus crap ...	46 wearing army clothes ...
8 new pair ...	21 jesus crap right ...	34 brother with an ipod ...	47 start takin ...
9 heart crap ...	22 stupid waltz ...	35 landlord-tenant confidentiality ...	48 vieja in the mantequilla ...
10 vieja in the mantequilla thing ...	23 magical quince ...	36 sick kick-back ...	49 cook tonight ...

Fonte: Sketch Engine

Usados de uma forma mais reduzida, se encontra a frequência de termos como *ropa vieja*, comida tradicional cubana, e *little sinvergüenza*, que Lydia usa para se referir à neta que se negava a ter a festa, ambas exploram uma questão mais identitária da avó que ainda busca ter suas tradições. Entendemos que nessas situações, as ocorrências do *spanglish* pode se usar as reflexões de Ramos e Busse (2021) que defendem que a língua está ligada diretamente à identidade de um indivíduo imigrante, aonde se percebe que as falas estão repletas de representações culturais como a comida tradicional, a festa tradicional; assim conseguimos identificar que a maioria das falas em *spanglish* são de Lydia, comprovando que existe uma valorização e conservação cultural da parte dela, que parte desse desejo de conservação de língua e cultura (SOUTO et al, 2017).

#### 4.2 Episódio 5 - *Strays*

Episódio em que Carmen amiga de Elena passa duas semanas escondida na casa da família Alvarez pois seus pais mexicanos haviam sido deportados, Carmen sendo *chicana*, termo que surgiu após o Tratado de Guadalupe-Hidalgo que se refere a um

indivíduo de nacionalidade americana e mexicana (TORRES, 2001), tinha o direito de estar no país, porém seus pais não.

Essa eventualidade gera uma discussão sobre imigração ilegal e o personagem Scott (Eric Nenninger) funcionário do Dr. Berkowitz, argumenta que as pessoas deveriam “entrar na fila” para serem cidadãs dos Estados Unidos, visto que muitas pessoas também desejam ter esse mesmo direito, ao que a personagem Penelope retruca sobre as duras políticas de imigração que os Estados Unidos tem, estima-se que mais de dois milhões de migrantes tenham sido rejeitados em 2021 na fronteira entre os Estados Unidos e México (LLORENTE, 2022) enquanto o número de deportados em julho de 2016 era de mais de 2,8 milhões (CAMHAJI, 2017), Penelope argumenta que algumas pessoas chegam a esperar 10 anos na fila na busca por melhores condições de vida.

Por causa disso, Lydia conta pela primeira vez na série sua história de imigração, que ocorreu em Havana, em 1962, ela relata que chegou aos Estados Unidos ainda criança fugindo de um regime que ela considerava opressivo. Com Castro e a Revolução, ela relata que a Igreja Católica tinha um programa chamado Pedro Pan que convidava as crianças a irem aos EUA.

Por se tratar de um capítulo mais ligado à imigração em si, há menor ocorrência de *spanglish* do que no capítulo anterior, percebe-se, todavia, uma grande frequência do uso do *spanglish* no que se referem aos integrantes da família, o mesmo acontece na análise de transferências léxicas que não têm registros nesse episódio, porém identifica um uso mais frequente de orações que indicam a temática migratória do enredo do episódio:

**Figura 9 - Palavras mais usadas do episódio 5**

reference corpus: English Web 2020 (enTenTen20) (Items: 781)

Lemma	Lemma	Lemma	Lemma	Lemma
1 mami ...	11 schneider ...	21 paleo ...	31 couve ...	41 lisette ...
2 carmen ...	12 penelope ...	22 lori ...	32 whoo-hoo ...	42 sing-song ...
3 berkowitz ...	13 pero ...	23 ju ...	33 pee-pee ...	43 go-getter ...
4 sniffle ...	14 uh ...	24 sofá ...	34 americanos ...	44 callender ...
5 sangria ...	15 papi ...	25 pobrecito ...	35 stoppin ...	45 repartee ...
6 elena ...	16 alvarez ...	26 pasó ...	36 cómo ...	46 smidge ...
7 espérate ...	17 overstay ...	27 trecker ...	37 costilla ...	47 gasp ...
8 papito ...	18 mmm ...	28 completamente ...	38 revolución ...	48 señora ...
9 abuelita ...	19 ay ...	29 mío ...	39 fuerte ...	49 sé ...
10 chuckle ...	20 ooh ...	30 cucuy ...	40 qué ...	50 zin ...

Fonte: Sketch Engine

**Figura 10 – Transferências léxicas mais usadas do episódio 5**

reference corpus: English Web 2020 (enTenTen20) (items: 561)

Term	Term
1 immigration project ...	11 power nap ...
2 fire escape ...	12 thing right ...
3 happy birthday ...	13 american accent ...
4 immigration project for school ...	14 important activity ...
5 paleo thing ...	15 youth sport ...
6 paleo thing right ...	16 old combat boot ...
7 elena sigh ...	17 little power nap ...
8 alex alvarez ...	18 lori gasp ...
9 project for school ...	19 grocery store sheet ...
10 french braid ...	20 grocery store sheet cake ...

Fonte: Sketch Engine

Há, porém, algumas falas durante o episódio que chamam a atenção, Lydia como sendo a única cubana imigrante da série, consequentemente usa mais o *spanGLISH* e faz uso recorrente do *code-switching* (POPLACK, 2001); observa-se nesse fragmento de uma conversa com Penelope o quanto a matriarca da família se sente confortável em misturar ambas as línguas em sua fala:

#### Legenda 4

***Pero still, that friendship***

Fonte: Netflix

#### Legenda 5

**is a little bit, eh, *cómo se dice?*  
Intense.**

Fonte: Netflix

É importante observar que o uso do *spanglish* aparece nas falas de Lydia, ou quando há um diálogo com Lydia, as outras ocorrências são majoritariamente de substantivos comuns, como no exemplo da Legenda 6 abaixo, na conversa entre Penelope e Alex ela afirma que a “*abuelita* estará há quase um km de distância dele em todo o tempo”:

#### Legenda 6

**Your *abuelita* will be three feet  
behind you at all times.**

Fonte: Netflix

#### 4.3 Episódio 9 - Viva Cuba

Schneider que é o senhorio do prédio que a família Alvarez mora aparece vestido numa camisa do Che Guevara no apartamento deles, a família alega que ele foi o braço direito de Castro, “queimou livros, baniu a música, comandou esquadrões da morte pessoalmente e foi um assassino em massa”. É possível nesse momento identificar o posicionamento político da família Alvarez.

Alex, o filho mais novo de Penelope escolhe fazer um trabalho sobre Cuba na escola, e decide fazer um filme com sua família para retratar as riquezas cubanas, e também para ganhar um A. Já Elena é selecionada para um programa literário ilustre nos

EUA mas como cotista por ser cubana e ela não gosta da condição e pensa em recusar a vaga.

Durante as filmagens de Alex, Lydia conta mais sobre o projeto Peter Pan, e qual era o ponto de vista dela sobre isso. Ela alega que Peter Pan era um programa que tinha como propósito dar um lugar seguro nos Estados Unidos até a saída de Castro. Lydia relata ter partido do país de avião, sem conhecimento da língua inglesa e sem os pais, aos 15 anos de idade e com 2 irmãs mais novas. Um momento comovente da série acontece quando ela chora ao contar que deixou sua irmã mais velha de 19 anos em Cuba, que não aceitava crianças e que elas tinham a esperança de se reencontrar novamente por pensarem que o regime fidelista não duraria, todavia, a irmã mais velha de Lydia acabou morrendo antes dela se reencontrarem.

Lydia relata que deixar Cuba foi a coisa mais difícil que ela fez, e ela estava feliz por ter feito isso, principalmente por estar feliz que a família estava livre para ser e fazer o que quisessem; é possível observar que a personagem Lydia pouco contextualiza em diferentes pontos de vista do que foi o *Peter Pan*, já que muitas das crianças participantes do projeto não tiveram as mesmas vivências que a dela, como visto no capítulo 1, sabemos apenas que na série, o projeto é visto como o salvador dessas crianças católicas.

Algumas observações importantes sobre o episódio em questão, é que a quantidade de estereótipos é maior, como por exemplo, as roupas e personagens que a família Alvarez usa para filmar o trabalho de Alex, foram usadas as fantasias de Carmem Miranda, de um fazendeiro e de uma dançarina.

Observa-se que mais uma vez, o uso de palavras em espanhol no capítulo é majoritariamente maior do que de palavras em inglês:

### **Figura 11 - Palavras mais usadas do episódio 9**

reference corpus: English Web 2020 (enTenTen20) (items: 804)

Lemma	Lemma	Lemma	Lemma	Lemma
1 abuelita ...	11 abuelo ...	21 un-professionalism ...	31 nagila ...	41 sabe ...
2 mami ...	12 huracán ...	22 pecera ...	32 shriek ...	42 revolución ...
3 sniffle ...	13 alvarez ...	23 fadduh ...	33 azúcar ...	43 indistinctly ...
4 papito ...	14 penelope ...	24 increíble ...	34 quién ...	44 mimi ...
5 elena ...	15 luger ...	25 pobrecito ...	35 kookie ...	45 aarons ...
6 lydia ...	16 mcat ...	26 pucha ...	36 parodist ...	46 whoop ...
7 blanca ...	17 soscars ...	27 mamita ...	37 a-plus ...	47 consuelo ...
8 zumba ...	18 nietecita ...	28 mirtha ...	38 riera ...	48 ay ...
9 maruchi ...	19 comemierda ...	29 pachanga ...	39 cuba ...	49 fidelis ...
10 chuckle ...	20 mudduh ...	30 tía ...	40 castanets ...	50 pero ...

Fonte: Sketch Engine

Quando se analisa a primeira palavra da lista que é “*abuelita*” vê-se a frequência e o tipo de uso que a palavra se dá em apenas 29 minutos de episódio:

**Tabela 2** - Frequência de uso da palavra “*abuelita*”

1	<input type="checkbox"/>	doc#0	<s>[Lydia humming]</s><s> <b>Abuelita</b> , how are you so happy in the morning?</s><s>Oh, it's easy, Mamita.</s>
2	<input type="checkbox"/>	doc#0	earch on where we're from.</s><s>Yeah, I'm probably just going to film <b>abuelita</b> blabbing for a while.</s><s>You know her, "Cuba, Cuba, Cuba.</s><s>
3	<input type="checkbox"/>	doc#0	rd, you're going.</s><s>Columbia even better, 'cause it will be easy for <b>Abuelita</b> to pronounce.</s><s>[mouthing] Columbia.</s><s>So, if they pick you.</s>
4	<input type="checkbox"/>	doc#0	w box with our baby teeth in it?</s><s>Why would we do that?</s><s> <b>Abuelita</b> has a whole necklace planned.</s><s>Who would ever wear that neck</s>
5	<input type="checkbox"/>	doc#0	. why I don't work!</s><s>It's okay.</s><s>Let's get to the star.</s><s> <b>Abuelita</b> , you're up.</s><s>Oh, hello.</s><s>I didn't see you there.</s><s>[chu</s>
6	<input type="checkbox"/>	doc#0	y Chicken.</s><s>[playing castanets]</s><s>[vocalizing]</s><s>Okay, <b>abuelita</b> .</s><s>Time for your story.</s><s>Make me laugh.</s><s>Make me c</s>
7	<input type="checkbox"/>	doc#0	's><s>And Mimi would've been really young.</s><s>Yes.</s><s>Wow, <b>Abuelita</b> .</s><s>I can't even imagine.</s><s>That must have been so hard, tal</s>
8	<input type="checkbox"/>	doc#0	:s>So, I guess you heard everything?</s><s>It's just a curtain!</s><s> <b>Abuelita</b> ...</s><s>I had no idea what our family's gone through.</s><s>I'm gon</s>
9	<input type="checkbox"/>	doc#0	ake sure that they don't forget that I'm Cuban.</s><s>Pa'lante!</s><s> <b>Abuelita</b> ...</s><s>I'm sorry I made you upset.</s><s>Oh, no, no.</s><s>It's ok</s>

Fonte: Sketch Engine

Fica claro que a maioria dos usos frequentes de espanhol na série é para os apelidos da família. Interessantemente, esse fator retrata bastante o conforto e o costume que a família tem em se referirem uns aos outros em espanhol - mesmo que o resto da sentença seja em inglês. O que mostra que a Língua de Herança, que foi ensinada à filha e aos netos de Lydia em um contexto que eles não nasceram, está enraizada na segunda e terceira geração da família Alvarez.

Na cena inicial do episódio 9, quando Schneider aparece na casa da família usando uma camisa estampada com o rosto de Che Guevara, braço direito de Fidel Castro, a família Alvarez explica o quanto é ofensivo para eles, e Penelope usa na Legenda 7 abaixo, o *code-switching* para se expressar:

### Legenda 7

**[yells] Do you have any idea  
what this *comemierda* did?**

Fonte: Netflix

Ao que eles explicam para Schneider que usar a camisa de Che Guevara na casa deles é como “entrar na casa de um judeu com a camisa do Hitler” ou “na casa de Taylor Swift usando a camisa do Kanye West”. É possível reparar que politicamente falando, o governo de Castro não era bem visto na casa da família. Entretanto não há nenhum registro de comentários sobre o governo de Batista que antecedeu a Revolução e que como citado no capítulo 2 deste trabalho, também não era um governo democrático ou livre de violências.

Em uma outra cena que se inicia no momento 03:20 do episódio, Alex que vai fazer um trabalho escolar sobre Cuba, fala sobre executar o trabalho apenas filmando a sua avó falar sobre seu país de origem e adiciona uma fala estereotipada no que seria costume da avó fazer, como observado a seguir:

### Legenda 8

**You know her, "Cuba, Cuba, Cuba.  
*Ay. ¡Azúcar!*"**

Fonte: Netflix

É possível perceber que o açúcar, por ser matéria prima e um dos principais produtos de exportação e cultivos cubanos, foi usado como exemplo de fala que Alex considera mais cotidiana que a avó possui para se referir à Cuba. É uma referência à cantora cubana Célia Cruz, que sempre gritava *¡Azúcar!* para começar seus shows e ficou

muito famosa por ser porta-voz do anticomunismo em Cuba; é uma referência, na série, que também tem significado ideológico de identificação da tendência política da personagem. O *Latino Decisions* (2012, p. 2) afirma que “Retratos negativos de latinos e imigrantes são difundidos na mídia de notícias e entretenimento. Conseqüentemente, os não latinos geralmente acreditam que muitos estereótipos negativos sobre esses grupos são verdadeiros”. Ou seja, o fato da série americana retratar que a avó cubana da família apareceria corriqueiramente reproduzindo a fala da Legenda 8 demonstra ser um desses casos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo, através levantamento bibliográfico sobre o contexto socio-histórico a que a série alude, obter uma maior compreensão sobre ela. Houve investigação através de consultas de trabalhos da linguística sobre o contato entre línguas com foco no bilinguismo e no *spanglish*, e também na modalidade falada nos EUA pelos grupos étnicos migrantes. Foi possível analisar o *spanglish* em frequência através do corpus. Ademais a busca da identificação do fenômeno linguístico e como ele constitui e fronteiriza a identidade cubano-americana na série.

Por meio das legendas analisadas, pôde-se alcançar o primeiro objetivo. O *Spanglish* está presente na série e na maioria das vezes se dá através do *code-switching* (BETTI, 2011; POPLACK, 2001). O fenômeno aparece nas situações em que os personagens estão predominantemente dialogando com a integrante cubana da família, exceto pelos apelidos nos quais a família se chama e que tem atualmente o maior registro de palavras no corpus em análise.

Observou-se que nos três episódios selecionados, as palavras em língua espanhola foram a de maior frequência em todos eles, apesar disso, notou-se que os integrantes nascidos na América na série têm uma preferência clara pelo inglês, já que são Falantes de Herança (CASTAÑEDA, 2007). Além disso os usos do *Spanglish* nas falas da família, remeteram à situações de afetividade, raiva, revolta e conversas cotidianas, deixando claro assim que o fenômeno é usado no caso dos personagens como algo natural e sem ensaios.

É possível também identificar o uso do *Spanglish* como resistência identitária (HERNANDEZ CHAVEZ 1975 apud. BETTI 2011) pois mesmo sendo fluentes na língua inglesa, que antes exposto nessa pesquisa, é uma língua obrigatória no país, a família Alvarez faz uso da mistura de línguas cotidianamente, como um costume e uma forma de comunicar-se ainda melhor com a personagem Lydia.

Durante o processo de análise, pôde se notar que a trajetória migratória de Lydia através do Programa Peter Pan, definiu o modelo familiar que a série toma, foi possível compreender o motivo pelos quais as tradições são queridas e mantidas pela matriarca, assim como suas raízes religiosas justificadas. Observa-se que o posicionamento político que a família Alvarez sustenta tem correlação com o ponto de vista dos pais de Lydia assim como as condições financeiras que eles teriam para enviar suas três filhas para a Florida pelo programa. Outrossim, a relação da família com as questões linguística

acontece de forma já deduzível na série, é esperado por exemplo que as crianças saibam falar a língua espanhola por serem descendentes de cubanos, também é esperado que Lydia tenha um sotaque característico pelo inglês ser a segunda língua dela.

No ponto de vista não audiovisual, percebe-se que a série faz, em suma, um bom trabalho representando problemáticas reais dos cubano-americanos nos Estados Unidos apesar de ser tendenciosa e ideológica em favor dos EUA. É possível enxergar que temas relevantes para a linguística, as ciências sociais e antropologia foram levantados na presente pesquisa; ao que é possível enxergar um caminho para a expansão dessa pesquisa através dos estudos do *spanGLISH* e seu uso em variadas comunidades hispanas nos Estados Unidos.

## REFERÊNCIAS

AMOSSY, R.; PIERROT, A. H. **Estereotipos y clichés**. 1a. ed. 4a reimp. Buenos Aires: Eudeba. 2010.

AZOULAY, Audrey. Director-General of UNESCO, on the occasion of International Mother Language Day, 21 February 2018 Corporate author UNESCO. Director-General, 2018.

AYUSO, S. Obama pone fin a la política de “pies secos, pies mojados” para los cubanos. **El País**, 13 jan. 2017. Disponível em: <[https://elpais.com/internacional/2017/01/12/estados\\_unidos/1484257647\\_081706.html](https://elpais.com/internacional/2017/01/12/estados_unidos/1484257647_081706.html)> Acesso em: 13 fev. 2023.

BARBERO, Luis. 35 años del gran éxodo del Mariel. **El País**, Miami, 13 set. 2015. Disponível em: <[https://elpais.com/internacional/2015/09/13/actualidad/1442113548\\_063090.html?event=go&event\\_log=go&prod=REGCRART&o=cerradoam](https://elpais.com/internacional/2015/09/13/actualidad/1442113548_063090.html?event=go&event_log=go&prod=REGCRART&o=cerradoam)>. Acesso em: 3 jan. 2023.

BAUMAN, Zygmunt. **Ensaio sobre o Conceito de Cultura**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

BENDER, Lynn Darrell. The Cuban Exiles: An Analytical Sketch. **Journal of Latin American Studies**, Cambridge, v. 5, ed. 2, p. 271-278, Nov 1973. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/155811>>. Acesso em: 2 jan. 2023.

BETTI, Silvia. El Spanglish en los Estados Unidos: ¿Estrategia Expresiva Legítima?. **Lenguas Modernas** 37, Chile, p. 33-53, 1 abr. 2011.

BETTI, Silvia. La definición del Spanglish en la última edición del Diccionario de la Real Academia (2014). **Glosas**, v. 8, n. 8, p. 5-14, 2015.

BETTI, Silvia. **Spanglish en los Estados Unidos**: Apuntes sobre lengua, cultura e identidad. CONFLUENZE, Rivista di Studi Iberoamericani. Vol. 1, nº 2. Dipartimento de Lingui e Letterature Straniere Moderne, Università di Bologna: 2009. p. 101-121. Disponível em: <<http://confluenze.cib.unibo.it/article/view/1653/1026>>. Acesso em: 19 fev. 2023.

BRADFORD, Anita Casavantes. Remembering Pedro Pan: Childhood and Collective Memory Making in Havana and Miami, 1960-2000. **Cuban Studies**, Pittsburgh, n. 44, p. 283-308, 2016. Disponível em: <[https://www.jstor.org/stable/44111920?read-now=1&seq=1#metadata\\_info\\_tab\\_contents](https://www.jstor.org/stable/44111920?read-now=1&seq=1#metadata_info_tab_contents)>. Acesso em: 20 dez. 2022.

CAMHAJI, Elías. Imigrante mexicano deportado: “Nos fazem sentir como criminosos”. **El País**, Cidade do México, 26 jan. 2017. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2017/01/25/internacional/1485357003\\_401807.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/01/25/internacional/1485357003_401807.html). Acesso em: 7 fev. 2023

CASTAÑEDA, Antonia I. Herencia - O Espanhol como Língua de Herança: Novos Paradigmas e Colorações para o Estudo no Exterior no Século XXI. **Revista Espaço Acadêmico**, s. 1, ed. 73, p. 1-5, 1 jun. 2007.

CASTELLANOS, I. El uso del inglés y el español entre los cubanos en Miami. **Temas**, n. 10, La Habana, abr.-jun., 1997, p. 48-74.

CHÁVEZ, Ernesto Rodríguez. A crise migratória do verão de 1994, Balanço e perspectivas do fluxo emigratório cubano: 1984-1996. **Revista brasileira de estudos de população**, v. 13, n. 2, 1996.

COELHO, L. Pereira; MESQUITA, D. Pereira. Língua, cultura e identidade: conceitos intrínsecos e interdependentes. **EntreLetras**, v. 4, n. 1, 2014. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/entreletras/article/view/975>. Acesso em: 21 fev. 2023.

CRESPO, Ramón Torreira; MARRAWI, José Buajasán. **Operación Peter Pan: Un caso de guerra psicológica contra Cuba**. 2. ed. Havana: Editora Política, 2000.

CRONON, E. David. Interpreting the New Good Neighbor Policy: The Cuban Crisis of 1933. **The Hispanic American Historical Review**, North Carolina, v. 39, n. 4, p. 538-567, 1959.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, I. S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Trad. Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DOMINGUEZ LOPEZ, Ernesto; MACHADO CAJIDE, Landy; GONZALEZ DELGADO, Dalia. Nueva inmigración y comunidad cubana en Estados Unidos en los albores del siglo XXI. **Migr. Inter**, Tijuana, v. 8, n. 4, p. 105-136, dic. 2016. Disponível em <[http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1665-89062016000200105&lng=es&nrm=iso](http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1665-89062016000200105&lng=es&nrm=iso)>. Acesso em: 18 dez. 2022.

DUMITRESCU, Domnita. El Español en Estados Unidos a la luz del Censo de 2010: Los Retos de las Próximas Décadas. **Hispania**, [S. l.], v. 96, n. 3, 1 set. 2013. American Association of Teachers of Spanish and Portuguese, p. 525-541. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/23608294>. Acesso em: 7 out. 2019.

ECURED. **Guerra Chiquita**. Disponível em: [https://www.ecured.cu/Guerra\\_Chiquita](https://www.ecured.cu/Guerra_Chiquita). Acesso em: 4 fev. 2023.

ECURED. **Guerra del 95**. Disponível em: [https://www.ecured.cu/Guerra\\_del\\_95](https://www.ecured.cu/Guerra_del_95). Acesso em: 4 fev. 2023.

EMIGRAÇÃO. In: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2008-2021, <<https://dicionario.priberam.org/emigra%C3%A7%C3%A3o>>. Acesso em 2 jan. 2022.

ESTEREÓTIPO. In: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2023, <<https://dicionario.priberam.org/estere%C3%B3tipo>>. Acesso em: 23 dez. 2022.

FERNÁNDEZ, Marta Díaz. “Dinámicas Intergeneracionales En La Comunidad Cubana al Sur de La Florida: Identidad y Política En La Segunda Generación.” *Cuban Studies*, vol. 31, 2000, pp. 76–101. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/24486168>>. Acesso em: 10 fev. 2023.

FLORES, Cristiana; MELO-PFEIFER, Silvia. O conceito “Língua de Herança” na Perspectiva da Linguística e da Didática de Línguas: considerações pluridisciplinares em torno do perfil linguístico das crianças lusodescendentes na Alemanha., **DOMÍNIOS DE LINGU@GEM**, v. 8, ed. 3, p. 16-45, 2014.

FOGUEL, Israel. **Brasil Colônia e Império: Grandes Personagens de nossa História**. 1ª ed. São Paulo: Editora Yolbook, 2022.

FROMM, Guilherme. **O uso de corpora na análise linguística**. p.69-76. 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

HERRERA, Migue. Asalto a los cuartos Moncada y Carlos Manuel de Céspedes. **Banco Central de Cuba**, 23 jul. 2019. Disponível em: <<https://www.bc.gob.cu/noticia/asalto-a-los-cuartes-moncada-y-carlos-manuel-de-cspedes/440>>. Acesso em: 4 fev. 2023.

IBARRA GUITART, Jorge Renato. La negociación del Tratado de Reciprocidad Comercial de 1934 entre Cuba y los Estados Unidos (I). **Cubaliteraria Ediciones Digitales**, 24 jan. 2023. Disponível em: <<http://www.cubaliteraria.cu/la-negociacion-del-tratado-de-reciprocidad-comercial-de-1934-entre-cuba-y-los-estados-unidos-i/>>. Acesso em 8 fev. 2023.

JUARROS-DAUSSA, E. El Spanglish. **Diccionari de lingüística on line**. Disponível em: <<http://www.ub.edu/diccionarilinguistica/print/350>>. Acesso em: 12 fev. 2023.

JÚNIOR, José Rodrigues Maó. **A Revolução Cubana e a Questão Nacional (1868-1963)**. 1. ed. São Paulo: Ed. do Autor, 2007. 408 p. v. 1. ISBN 9788590710806.

LAMRANI, Salim. 50 verdades sobre la dictadura de Fulgencio Batista en Cuba. **Opera Mundi**, 16 out. 2013. Disponível em: <<https://operamundi.uol.com.br/politica-e-economia/31853/50-verdades-sobre-la-dictadura-de-fulgencio-batista-en-cuba>>. Acesso em: 9 fev. 2023.

LATINO DECISIONS. National Hispanic Media Coalition. **He Impact of Media Stereotypes on Opinions and Attitudes Towards Latinos**. p. 1-79, Setembro 2012.

LE RIVEREND, J. **José Martí**: pensamiento y acción. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2012.

LIMA, Thábata Christina Gomes de. **Spanglish**: Representações, Ideologias e Políticas Linguísticas. Orientador: Xoán Carlos Lagares Diez. Rio de Janeiro, 2014.

LIMIA DÍAZ, Ernesto. La Enmienda Platt: Una camisa de fuerza contra la Cuba mambisa. **Cubadebate**, 12 jun. 2021. Disponível em: <<http://www.cubadebate.cu/especiales/2021/06/12/la-enmienda-platt-una-camisa-de-fuerza-contra-la-cuba-mambisa/>>. Acesso em 9 fev. 2023.

LLORENTE, Analía. Por que imigração está causando 'crise humanitária sem precedentes' em Nova York. **BCC**. Nova York, 5 dez. 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-63832514>. Acesso em: 17 fev. 2023.

LOPES, Fátima Marlise Marroni Rosa. **A Revolução Cubana**. 2005. 25 p. Doutorado (Programa de Pós-Graduação História) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Rio Grande do Sul, 2004.

LÓPEZ CIVEIRA, Francisca. ¿Qué implicó el primer Tratado de Reciprocidad Comercial entre Cuba y Estados Unidos? [Entrevista concedida a] Ariel Pazos Ortiz, **CubaSí**, Havana, 20 dez. 2022. Disponível em: <https://www.cubasi.cu/es/articulo-opinion/que-implico-el-primer-tratado-de-reciprocidad-comercial-entre-cuba-y-estados-unidos>. Acesso em: 4 fev. 2023.

MATHEWS, John M. Roosevelt's Latin-American Policy. **The American Political Science Review**, Washington D.C, v. 29, n. 5, p. 805-820, 1 out. 1935.

MIGRATION POLICY INSTITUTE (Washington D.C). **Cuban Migration: A Postrevolution Exodus Ebbs and Flows**. Washington D.C: Jorge Duany, 6 jul. 2017. Disponível em: <<https://www.migrationpolicy.org/article/cuban-migration-postrevolution-exodus-ebbs-and-flows>>. Acesso em: 2 jan. 2023.

MINGORANCE, Quézia Cavalheiro; BUSSE, Sanimar. Espanhol como Língua de Herança: (Re)construindo Identidades. In: RIBEIRO, Simone Beatriz Cordeiro; BELONI, Wânia Cristiane (org.). **Pesquisas em Políticas Linguísticas e Ensino de Línguas**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021. p. -. ISBN 978-65-5869-613-1.

MUSULIN, M.; BEZLAJ, M. Perception of the Varieties of Spanish by Students of Spanish Language and Literature at the University of Zagreb. **Verba Hispanica**, 2016, p.87–108.

OPERAÇÃO Pedro Pan. Direção: Mauricio Dias e Kenya Zanatta. Produção: Grifa Filmes. São Paulo: Canal Curta!, 2020. Disponível em: <[https://tamandua.tv.br/filme/default.aspx?name=operacao\\_pedro\\_pan#](https://tamandua.tv.br/filme/default.aspx?name=operacao_pedro_pan#)>. Acesso em: 30 dez. 2022.

OTHEGUY, Ricardo; STERN, Nancy. On so-called Spanglish. **Internacional Journal of Bilingualism**, [s. l.], v. 15, n. 1, p. 85-100, 29 nov. 2010. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1367006910379298>>. Acesso em: 27 dez. 2022.

PÉREZ FIRMAT, G. **Vidas en vilo**. La cultura cubanoamericana. Madri: Editorial Colibrí, 2000.

PERÉZ, Lisandro; GRENIER, Guillermo J. Cubanos en los Estados Unidos: Estudios y evaluación crítica. **Revista TEMAS**, [S. l.], p. 49-57, 1 jun. 2017.

PEW RESEARCH CENTER (Estados Unidos). **Cubans in the United States**. Estados Unidos, Agosto 2006. Disponível em: <<https://www.pewresearch.org/hispanic/2006/08/25/cubans-in-the-united-states/>>. Acesso em: 1 fev. 2023.

POGOLOTTI, Graziella. La República neocolonial. **Granma**, 2 jun. 2019. Disponível em: <<https://www.granma.cu/opinion/2019-06-02/la-republica-neocolonial-02-06-2019-22-06-20>>. Acesso em: 9 fev. 2023.

POPLACK, Shana. Code Switching: Linguistic. In: SMELSER, Neil; BALTES, Paul. **International Encyclopedia of the Social and Behavioral Sciences**. Amsterdam: Elsevier Science Ltd., 2001.

RABASA, Y. Subsídios para a complementação multirrede-discursiva de livro didático de espanhol a partir de um conto cubano: o universo feminino como tema cultural. In: SERRANI, S. (Org.). **Cultura e literatura no ensino de língua-discurso: a proposta multirrede-discursiva na formação docente e no ensino-aprendizagem de línguas materna e estrangeira**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020, p. 157-196.

RODRÍGUEZ, Raúl; TARG, Harry. US Foreign Policy towards Cuba: Historical Roots, Traditional Explanations and Alternative Perspectives. **International Journal of Cuban Studies**, England, v. 7, n. 1, p. 16-37, 1 jul. 2015.

RUIZ, Patricio Cardoso. Análisis de las Principales Corrientes Migratorias Cubanas Durante el Periodo Revolucionario. In: LATTES, Alfredo; SANTIBÁÑES, Jorge; CASTILLO, Manuel Ángel. **Migración y fronteras**. 1. ed. México: El Colegio de Mexico, 1998. cap. 3, p. 209-240. Disponível em: <[https://www.jstor.org/stable/j.ctv6jmxmm.11#metadata\\_info\\_tab\\_contents](https://www.jstor.org/stable/j.ctv6jmxmm.11#metadata_info_tab_contents)>. Acesso em: 2 jan. 2023.

SAHLINS, Marshall. **História e Cultura: Apologias e Tucídides**. São Paulo: Zahar, 2006.

SAVEDRA, Mônica; PEREIRA, Telma Cristina; GAIO, Mario Luis. **Repertórios Plurilíngues em Situação de Contato**. Rio de Janeiro: Edições LCV: LABPEC, 2019.

SENHORAS, Elói Martins (org.). **Ciência Política: Poder e Establishment** 2. 2. ed. Paraná: Atena Editora, 2021.

SOUTO, Mauren Vanessa Lourenço et al. CONCEITOS DE LÍNGUA ESTRANGEIRA, LÍNGUA SEGUNDA, LÍNGUA ADICIONAL, LÍNGUA DE HERANÇA, LÍNGUA FRANCA E LÍNGUA TRANSNACIONAL. **Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos, Revista Philologus**, Rio de Janeiro, ano 20, ed. 60, p. 890-900, set/dez. 2014.

SPANGLISH. In: Diccionario de la lengua española. Edición del Tricentenario. Actualización 2022. Disponível em: <https://dle.rae.es/espanglish?m=form>. Acesso em: 16 fev. 2023.

SUAREZ, Andres. The Cuban Revolution: The Road to Power. **Latin American Research Review**, Pittsburgh, v. 7, n. 3, p. 5-29, 1 out. 1972. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/2502783>>. Acesso em: 27 dez. 2022.

THE TREATY of Guadalupe Hidalgo. Estados Unidos, março 2022. Disponível em: <<https://www.loc.gov/rr/hispanic/ghtreaty/>>. Acesso em: 1 fev. 2023.

TORRES TORRES, A. **El español de América en los Estados Unidos**. In: ALEZA IZQUIERDO, M.; ENGUITA UTRILLA, J. M. (Coords.). La lengua española en América: normas y usos actuales. València: Universitat de València, 2010, p. 404-427.

TRIFF, S. Paradojas culturales y contradicciones políticas de la identidad exiliada cubana. **The Association for the Study of the Cuban Economy**. Disponível em:

[https://www.ascecuba.org/asce\\_proceedings/paradojas-culturales-y-contradicciones-politicas-de-la-identidad-exiliada-cubana/](https://www.ascecuba.org/asce_proceedings/paradojas-culturales-y-contradicciones-politicas-de-la-identidad-exiliada-cubana/). Acesso em: 17 fev. 2023.

UNITED STATES GOVERNMENT (Estados Unidos). United States Census Bureau. **Nearly 68 Million People Spoke a Language Other Than English at Home in 2019**. Estados Unidos: Sandy Dietrich and Erik Hernandez, 6 dez. 2022. Disponível em: <<https://www.census.gov/library/stories/2022/12/languages-we-speak-in-united-states.html>> Acesso em: 4 jan. 2023.

VICENT, M. Cuba vive el mayor éxodo migratorio de su historia. **El país**, Havana, 12 set. 2022. Disponível em: Acesso em: 12 fev. 2023.

WARD, Marianne; DEVEREUX, John. The Road Not Taken: Pre-Revolutionary Cuban Living Standards in Comparative Perspective. **The Journal of Economic History**, Cambridge, v. 72, n. 1, p. 104-133, 1 mar. 2012. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/41353825>>. Acesso em: 5 jan. 2023.

WOODWARD, K. **Identidade e diferença**: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. da S. (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014, p. 7-72.

